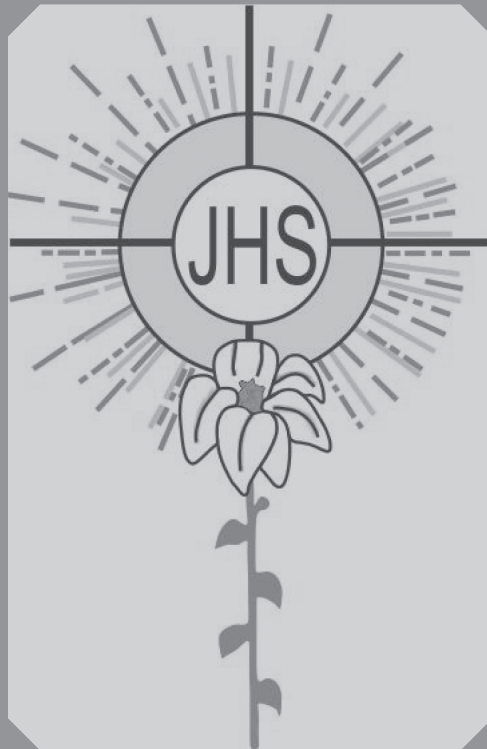


Padres e Irmãos Barnabitas
Um pouco de História 2



Angélica Anônima
MEMÓRIAS

Rio de Janeiro 2018

Um pouco de História 2

Angélica Anônima
MEMÓRIAS

Rio de Janeiro 2018

Angélica Anônima, MEMÓRIAS, do original italiano *Angelica Anonima*,
Memorie, Firenze 1979

Tradução: Maria Lúcia Pereira Karam

Revisão: Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

Rio de Janeiro 2018

Às Irmãs Angélicas, aos Barnabitas de Língua Portuguesa e a todos que
amam nossas Congregações

Nossa capa: O Lírio e o Crucificado vivo

Símbolo da Congregação das Irmãs Angélicas de São Paulo

Fonte: Colégio São Paulo de Belo Horizonte (MG)

Este é o segundo livrinho da Coleção *Um pouco de História*. As **Memórias da Angélica Anônima** são uma interessante visão dos primeiros tempos da história de nossas irmãs, do relacionamento de nosso Fundador com suas queridas filhinhas, como elas sentiram a morte dele, bem como se organizaram nos tempos após a ausência de Santo Antônio Maria Zaccaria.

Esse é mais um dos trabalhos do Pe. Giuseppe Cagni, que tanto contribuiu, em vida, com o crescimento de nossas famílias religiosas e que continua contribuindo, através de suas obras, após seu falecimento.

O livro está repleto de notas que são importantes para quem quiser aprofundar os estudos da nossa História, mas que não deixam de esclarecer muita coisa para os que não vão se dedicar a esse tipo de estudo. Na primeira parte, o Pe. Cagni se preocupa com a tarefa de revelar quem poderia ter sido a Angélica Anônima. Lendo o livro, poderemos seguir bem a linha de pensamento do padre. A segunda parte é o texto das crônicas escritas pela Angélica Anônima, ou por mais de uma religiosa.

Não foram fáceis os inícios de nossas irmãs, como não o foram os dos Barnabitas! Mas, querendo pregar o Crucificado e viver segundo seu exemplo, elas foram fortes na fraqueza, como nos ensina o Apóstolo Paulo (cf 1Cor 2,1-3).

Muitas conclusões podemos tirar da leitura desse livro para benefício da Vida Religiosa como está sendo vivida agora pelas nossas Congregações. Quem tiver um bom senso crítico saberá assumir o que for útil para a atualidade e deixar de lado o que não tem mais utilidade. Aproveitem!

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP
Rio de Janeiro, julho de 2018

PREÂMBULO

Os historiadores barnabitas e os processos apostólicos para a canonização de Santo Antônio Maria Zaccaria não economizaram elogios para com um pequeno manuscrito que, frequentemente citado e utilizado, é agora publicado pela primeira vez quase na íntegra. Trata-se de um conjunto de pequenos códigos de papel, medindo 14 por 18,5 centímetros em forma de livro, conservados em Milão no Arquivo Histórico da comunidade de São Barnabé, classificados como “Append., Q III, fasc, 2, nº 10”. Os códigos estão divididos em duas partes: na primeira, (até o quadrinho 15), narram a vida de Antônio Maria Zaccaria em linhas gerais, especialmente em suas relações com as Angélicas; na segunda (até o quadrinho 41), apresentam algumas memórias domésticas do Mosteiro de São Paulo. Não tem título e até agora os estudiosos o vinham citando sob o título de algumas cópias do século XVIII “Resumo da vida do Venerável Antônio Maria Zaccaria”⁽¹⁾, privilegiando o conteúdo da primeira parte. Agora, nós o divulgamos com o título não menos apropriado de **Memórias**, sob o qual foi catalogado no Arquivo Geral dos Barnabitas.

Escrito no início do século XVII em Milão, no Mosteiro de São Paulo, o livro chegou às mãos do padre barnabita Pietro Grazioli em 1735⁽²⁾, através do confrade Pe. Giulio Brameri⁽³⁾, pregador em vários mosteiros, que certamente recebeu o manuscrito das Angélicas. Do Pe. Grazioli passou, em 1748, ao Arquivo Geral dos Barnabitas em Roma⁽⁴⁾, onde foi catalogado como “L. c. 7 segundo”, com essa nota: “Livrinho anônimo escrito por uma Angélica de São Paulo, contendo mui preciosas Memórias da vida do Venerável Zaccaria e das primeiras Angélicas. Está escrito com uma candura e uma simplicidade que verdadeiramente deleitam”. Os arquivistas jamais se permitem tais apreciações em folhas de custódia de documentos!

Com o restabelecimento das Angélicas, o Pe. Pio Mauri o ob-

teve em empréstimo do Padre Geral Alessandro Baravelli, mas, pouco depois, subitamente desapareceu. O futuro Cardeal Granniello, à época Chanceler do Padre Geral, tentou de todo modo reavê-lo, mas sem sucesso, como atesta uma sua nota desolada na folha de custódia ainda hoje existente no Arquivo Histórico de São Barnabé⁽⁵⁾, sua primeira parte tendo sido divulgada no nº 3 de Rivivere, o simples periódico mimeografado dos Clérigos Barnabitas de então.

A data de composição gira em torno de 1630⁽⁶⁾. Não existem elementos extrínsecos que o corroborem. Como elementos intrínsecos, temos na primeira parte do manuscrito alguns nomes de Angélicas que podem servir de pontos de referência: a Angélica Paola Cremona, dada como há pouco falecida, morreu em 1623-24⁽⁷⁾; as Angélicas Anna M. Pirovano e Veronica Orsini, dadas como ainda vivas, viveram até a metade do século⁽⁸⁾. Por outro lado, na segunda parte, temos elementos mais indicativos: a autora anota os principais eventos acontecidos no mosteiro até os seus dias, a narração não excedendo ao ano de 1625. Mesmo que os argumentos “*e silentio*” não sejam apodíticos, é lícito argumentar que a autora, que se deteve na descrição dos vazios causados pela peste de São Carlos e pela epidemia de 1603, não deixaria de falar da terrível peste de 1630, que se tornou famosa para nós pela descrição de Manzoni, mas que então era famosa pela mortalidade universalizada. Tendo considerado tudo, o ano de 1630 parece ser o mais verossímil como terminus ad quem⁽⁶⁾.

A autora – sem dúvida uma religiosa do mosteiro de São Paulo em Milão – sempre foi indicada como “Angélica Anônima”. Hoje, podemos dar um passo adiante e, embora sem conseguir dissipar completamente as névoas do anonimato, podemos afirmar, com boa dose de certeza, que se trata de uma das quatro irmãs Sfondrati, filhas de Ercole e Lucrezia Cybo: Lucrezia Maria, Cecilia Maria, Paola Antonia Junior e Sigismonda Maria. Chegamos a esa conclusão a partir de algumas constatações e convergências.

Antes de tudo, a análise da grafia. O Arquivo Geral das Angéli-

cas conserva três manuscritos do mesmo punho da Anônima, que são os de números 9, 17 e 19. O primeiro contém os “Exercícios devotos em preparação para a festa da SSma. Anunciação”, acabado de compor em 2 de fevereiro de 1630 pela Angélica Ágata Sfondrati, que assina de próprio punho ao final da carta dedicatória dirigida às suas noviças. Os caracteres extrínsecos deste manuscrito são em tudo iguais ao do manuscrito da Angélica Anônima: grafia, formato, papel. Os dois são, portanto, cronologicamente próximos. O terceiro contém os Sermões feitos às Angélicas por São Carlos em várias ocasiões e reunidos pela Angélica Ágata Sfondrati: boa parte do manuscrito está na grafia da Angélica Anônima. O primeiro e o terceiro fazem parte de um bloco de cerca de vinte obras, quase todas manuscritas, que a Angélica Teresa Trotti Bentivoglio, em 1846, salvou do naufrágio quase total dos documentos do mosteiro de São Paulo, através do barnabita P. Spirito Corti, obras essas que retornaram às Angélicas após seu renascimento⁽⁹⁾.

Por outro lado, o segundo manuscrito, isto é o de nº 17, após a dispersão das Angélicas, foi posto a salvo pela Angélica Marianna Cecilia Marini, que foi a quarta, a contar da última, a professar os Votos antes da supressão⁽¹⁰⁾. P. Ungarelli tentou inutilmente tê-lo em mãos⁽¹¹⁾; de todo modo, por sorte retornou às Angélicas e pode nos dar a chave para resolver, ao menos em parte, o problema da Angélica Anônima.

Este manuscrito contém a *Vita* da Angélica Ágata Sfondrati, escrito pelo mesmo punho e composto pelas quatro irmãs angélicas Lucrezia Maria, Cecilia Maria, Paola Antonia jr e Sigismonda M. Sfondrati, que o dedicam ao duque Ercole, seu pai e irmão da Angélica Ágata. Evidentemente, não é possível que todas as quatro tenham “composto” a *Vita*, ainda que todas tenham colaborado na reunião e seleção do material. Como a última, Sigismonda Maria, ainda era noviça em 1624 e como a *Vita* foi concluída em 1632, um ano e meio após a morte da Angélica Ágata⁽¹²⁾, pode-se pensar que o peso da composição tenha sido levado pelas três mais velhas. De todo modo, a linguagem, o estilo, a escrita e grande parte do conteúdo coincidem com os do manuscrito

da Angélica Anônima, concluindo-se que a Angélica Anônima é uma das quatro.

Se a carta dedicatória da *Vita*, subscrita pelas quatro irmãs, tivesse as assinaturas escritas de próprio punho, poderíamos com certeza identificar quem escreveu o manuscrito; mas, infelizmente, não é assim. Deve-se precisar, porém, que tal escritora não é a autora principal porque no manuscrito da *Vita*, de tanto em tanto, aparecem correções de outro punho contemporâneo, especialmente no c.62, onde há um adendo bastante extenso que se presta muito bem para uma análise caligráfica segura. O trabalho que resta a fazer é o seguinte: descobrir a grafia de cada uma das quatro irmãs Sfondrati e confrontá-la criticamente com os três manuscritos de Roma e com o de Milão.

Que a autora da *Vita* é uma das quatro Sfondrati não há dúvida; e que a escritora também seja uma dessas está documentado⁽¹³⁾. Como, no entanto, esta é chamada de “conselheira”, penso que não se trate de Sigismonda Maria, que professou os Votos somente em 1625⁽¹⁴⁾, e talvez tampouco de Paola Antonia jr, que professou em 1612⁽¹⁵⁾, mas sim de Lucrezia Maria ou Cecilia Maria, que professaram juntas em 1609⁽¹⁶⁾. As preferências vão para Lucrezia Maria que, desde 1633, foi priora algumas vezes e cuja inteligência foi ressaltada pelo barnabita Pe. Tiago Antonio Carli (1556-1631), que a coloca como interlocutora em sua obra “Conferências às Angélicas”⁽¹⁷⁾.

Como se terá notado, o primeiro século de história das Angélicas gravita em torno de um sobrenome: Sfondrati. Isto é facilmente explicável e é importante também para os Barnabitas. Quando a Condessa Torelli se retirou de nós, as duas jovens Congregações puderam sobreviver somente porque a generosidade de Giulia Sfondrati Picenardi lhes assegurou os meios de subsistência. Tornando-se Angélica com o nome de Paola, estimulou as quatro sobrinhas, filhas do irmão Francesco e de Anna Visconti, a segui-la, tendo elas sido confiadas às Angélicas com a morte da mãe, isto é, no Natal de 1538, quando o Santo Fundador ainda estava vivo. Francesco Sfondrati entrou nas Ordens, tornando-se

Cardeal e bispo de Cremona; seu filho Niccolò, confiado aos Barnabitas, assim como as irmãs tinham sido confiadas às Angélicas, tornou-se papa com o nome de Gregório XIV; seu outro filho Paolo, casado com Gismonda d'Este, foi o pai da Angélica Ágata, do Cardeal Camillo, também bispo de Cremona, e do duque Ercole, por sua vez, pai das quatro Angélicas Lucrezia Maria, Cecilia Maria, Paola Antonia jr e Sigismonda Maria. Como se vê, o mosteiro de São Paulo foi inundado de Sfondrati, com papas e cardeais nas costas: não é de se espantar que a direção das Angélicas tenha se tornado quase um feudo deles, feudo por sorte benéfico, porque todas as Angélicas Sfondrati foram mulheres santas e inteligentes. Isto não exclui que, por volta de 1620, não se tenha tentado quebrar este círculo: a Vita da Angélica Ágata oferece eloqüentes tiradas sobre isso, assim como eloqüente é o tom com que o texto aqui publicado descreve a atuação das Angélicas Visconti-Borromeo, apoiadas pelo Cardeal Federigo.

A novidade do presente opúsculo consiste no fato de que o texto da Angélica Anônima vem anotado e comentado com outros textos de Angélicas. Isto não só em homenagem às nossas Irmãs, mas também para demonstrar que a desafortunada dispersão do arquivo do mosteiro de São Paulo pode ser em parte reparada.

Nessas anotações e comentários, foram utilizadas, de modo especial, duas obras. A primeira é a História das Angélicas de São Paulo, conservada em cópia autenticada por tabelião no Arquivo Geral dos Barnabitas⁽¹⁸⁾, citada pelos historiadores sob o título Origem e progressos do Mosteiro de São Paulo⁽¹⁹⁾. A autora é a Angélica Paola Antonia Sfondrati senior, que a compôs quase inteiramente – isto é, até c.90 – antes da morte de São Carlo (1584), completando-a depois – de c.90 a c.108 – em 1586, como ela mesma afirma nos papéis citados. Seu testemunho é da maior autoridade, seja porque viveu os fatos, tendo ingressado no São Paulo em 1538, seja por ter sido várias vezes priora, assim estando envolvida responsabilmente em todos os eventos alegres e tristes do mosteiro. Sua finalidade de edificação não deturpa os fatos,

mas, algumas vezes, os circunda com um véu de delicadeza talvez exagerada. A obra é dedicada à sobrinha Angélica Ágata Sfondrati.⁽²⁰⁾

A segunda obra utilizada é a Vida da Angélica Ágata, escrita pelas quatro sobrinhas das quais já se falou bastante. Ambas as obras contêm elementos históricos tão importantes e circunstanciados que não se entendeu ser necessário reforçá-las com testemunhos de Barnabitas.

É, portanto, texto de uma Angélica, comentado por Angélicas.

A Província Romana dos Padres Barnabitas o oferece com afeto fraterno às irmãs Angélicas, no Centenário de seu Renascimento, com os melhores votos de que o carisma das origens comuns sustente validamente os passos de nossas duas Famílias nos “caminhos de Deus”⁽²¹⁾ e no esforço da renovação promovida pelo Concílio.

Giuseppe M. Cagni

(1) UNGARELLI Luigi, Bibliotheca Scriptorum e Congr. CC. RR. S. Pauli, Roma 1836, p.571; PREMOLI Orazio, Storia dei Barnabiti nel Cinquecento, Roma 1913, p.34, nota 1; Processos Apostólicos, Summarium super Virtutibus, Roma 1821, pp.52, 59 e 71.

(2) “Aviso ao leitor. Este livrinho, mesmo sem nome, com toda certeza foi escrito por uma das virgens Angélicas que moravam no Mosteiro de São Paulo em Milão. Isto é tão evidente para o leitor, que é quase inútil falar disso. Isso garante a fé e a sinceridade do mesmo, que contem principalmente uma história provável. É preciso ler aquilo que relataram as Virgens (Irmãs) mais antigas com as quais o Zaccaria partilhava usos; também muitas delas estavam vivas quando a Mulher escrevia. Este documento não é posterior ao ano do Senhor de 1619. Portanto, segundo a nossa opinião, deve ser colocado entre os antigos (documentos). Encontra-se comigo o autógrafo; o Rev Dom JÚLIO BRAMIERI deu a mim como presente no ano de 1735, pois ele sabia que eu me interessava um pouquinho pelos documentos de nossa história, - Estas (palavras) eu acrescentei em Bolonha no dia 18 de dezembro de 1746,

”. Manuscrito do P. Grazioli na cópia por ele realizada: Milão, Arquivo Histórico S. Barnaba, Append., Q III, fasc, 2, nº 11. Pelo P. Grazioli cf. BOFFITO Giuseppe, Scrittori Barnabiti, II, Firenze 1933, pp.279-286; LEVATI Luigi, Menologio dei Barnabiti, IX, Genova 1936, pp.76-90.

(3) LEVATI, Menologio cit., VI, Genova 1934, pp.293-294.

(4) Sabemos disso por uma carta de P. Grazioli (Milão, Arquivo Histórico S. Barnaba, Append., Q III, fasc, 2, nº 11), divulgada em 1949 por Rivivere nº3, pp.82-85.

(5) “No restabelecimento das Angélicas, P. Mauri, vindo a Roma, conseguiu por graça do Revmo. P. Geral Baravelli levá-lo a Lodi, com obrigação de restituí-lo. Mas, por mais pesquisas, investigações, insistências oportunas e inoportunas que tenha feito o subscrito P. Granniello, não mais foi encontrado! Fiat voluntas tua. 10 de julho de 1889. Guiseppe M. Granniello Barnabita”. Reprodução na figura II. Esclarecendo, a sigla A.G.B. indica o arquivo Geral dos Barnabitas e A.G.A. o das Angélicas.

(6) “Confrontando os anos nos quais morreram algumas Angélicas, das quais essa anônima fala seja como mortas há pouco, seja como ainda vivas, extrai-se, a toda evidência, a época em que foi escrito, ou seja, 1630 ou em volta disso”. Bugati no Processo Apostólico, Summarium, p.52.

(7) Terminou seu terceiro priorado em 1623, aparecendo como já falecida na lista das Angélicas de 1624, conservada em A.G.A. Em 1619, não era ela a priora, mas sim a angélica Ágata Sfondrati; portanto, a data, mitigada por um “cerca”, deve ser antecipada para a época do segundo priorado: 1614-17.

(8) Pirovano, que professara em 1600, morreu velhíssima em 9 de maio de 1651 (A.G.A., MS. Nº 14/5, f.2v e 18); Orsini morreu, com 96 anos, em 4 de fevereiro de 1656 (Ibid, f.7), mas, em 1625, já era a mais idosa das Conversas (A.G.A., Lista Angélicas em 1624, corrigida no ano seguinte).

(9) Todas essas obras trazem na folha de custódia a nota “A ex-Angélica Teresa Trotti ao P. Spirito Corti Barnabita, 1846”. Em A.G.A. sua classificação consiste em um simples número, sendo: 1 (“Cartas e raciocínios espirituais”); 5 (“Vida da Angélica Giovanna Visconti Borromeo”); 7 (“Explicações das últimas palavras ditas por Jesus Cristo na cruz, feitas por D. Amedeo Antoniotti” barnabita; Boffito I, 43 dá esse manuscrito por extraviado); 8 (“Ser-

mães de Santo Alessandro Sauli”); 9 (“Exercícios devotos em preparação para a festa da SS. Anunciação” da Ang. Ágata Sfondrati); 15 (“Vida da Ang. Giovanna Isabella Venazzana”, morta aos 53 anos em 26 de julho de 1750); 16 (“Exercícios de piedade”); 18 (“Notas de Angélicas”, inscritas na Confraria do Rosário); 19 (“Sermões de São Carlo às Angélicas”); 24 (“Modus vestiendi Angelicas et Ordo eas recipiendi ad Professionem”); 25 (“Regras, Cerimônias, Instruções e Fórmulas das Angélicas”); 27 (“Preces”); 28 (“Ordo admittendi Angelicas”); 30 (“Regras e Cerimônias, Instruções e Fórmulas”); 33 (Constitutioni de’ Concilii Provinciali di Milano”); 34 (“Institutioni delle novitie”); 38 (“Bula Pontificia das Angélicas de São Paulo”); 39 (“De disciplina chori”); 41 (“Constitutioni” de 1625).

⁽¹⁰⁾ A.G.S., MS n° 14/5, f.6v.

⁽¹¹⁾ UNGARELLI, Bibliotheca cit., p.565, nota 1.

⁽¹²⁾ Morreu em 19 de janeiro de 1631. A Vita se conclui com essas palavras: “Ainda que passado um ano e meio de quando foi para uma vida melhor, temo-la em nosso coração mais terna, mais viva, mais querida do que nunca, porque sua memória é um contínuo estímulo à virtude” (c. 195).

⁽¹³⁾ “Chamou aquela de nós que tinha a função de conselheira e que costumava escrever ordinariamente, e lhe ditou uma carta, palavra por palavra, ao senhor Duque nosso pai, e outra a monsenhor Bispo de Lodi” (Vita, cc. 182-183).

⁽¹⁴⁾ A.G.A., MS. N° 14/5, ff.18 e 18v.

⁽¹⁵⁾ A.G.A., MS. N° 14/5, ff.17-17v e 18. Ainda estava viva em 1648

JESUS MARIA

O Padre Dom Antônio Maria Zaccaria⁽¹⁾ foi o fundador dos Padres Clérigos Regulares de São Paulo Degolado e dos dois Mosteiros das Angélicas de São Paulo em Milão e de Santa Marta em Cremona. Ele era natural de Cremona, nascido da boa e honrada Casa dos Zaccaria, mas mais honrado por suas singulares pureza e inocência, a ponto de parecer um anjo na terra, pela vida, pelos costumes e pelo aspecto. Não é, pois de se espantar que, no primeiro Sacrifício que celebrou, os devotos circunstantes tivessem visto Anjos na assistência.

Teve um dom oratório singular, com arrebatamento e êxtase; espírito profético, via os segredos e pecados ocultos de alguns; e previu a morte próxima de um jovem, que embora sadio, foi induzido ao arrependimento de seus pecados e a fazer uma boa confissão geral. Era extremamente ardente em seu zelo em honra de Deus e da salvação das almas, e eficaz em levar os errantes e pecadores à conversão.

Muito se esforçava para ganhar almas para Deus, tendo sido esta a razão que o motivou a fundar a Congregação dos Padres Barnabitas, reunindo alguns homens, servos de Deus, para viverem a vida apostólica, fundados no desprezo do mundo, na santa simplicidade, na mortificação e na imitação do Cristo Crucificado. Seus primeiros companheiros foram Padre Dom Tiago Antônio Moriggia e Padre Dom Bartolomeu Ferrari, homens que desprezavam o mundo, pois eram vencedores de si mesmos.

Ao mesmo tempo, a Senhora Condessa de Guastalla, desejosa de reunir algumas virgens que se dedicassem ao serviço de Deus, começou a agir, com aprovação do dito Padre, que, com profunda caridade, se empenhou para fundar tal Colégio de virgens perto da Porta Ludovica, sob o título de São Paulo Convertido. E, com tanto gosto, se applicava em fornecer ótimos princípios de virtude, mortificação e santa observância a essas novas plantas, que não quis o cargo de Preposto em sua Congregação, de modo a atender, com maior diligência, as necessida-

des dessas virgens, chamadas com o nome de Angélicas, por privilégio e concessão do Sumo Pontífice.

Esse santo Padre era tão amigo da pureza e simplicidade, que todo seu deleite ia para aquelas almas puras; estava tão envolvido na verdadeira caridade em favor delas, que parecia não poder se apartar das paredes do Mosteiro das Angélicas. Elas correspondiam com tanta reverência, devoção e obediência, que se deixariam queimar a um seu aceno. Diziam as Madres daquele tempo que ele as exercitava nesta simples obediência, submetendo-as a provas mais do que ordinárias.

O outro fundamento que se esforçava para enraizar nessas filhinas, a ele confiadas pelo Senhor, era *o desprezo do mundo e o amor pelas violências e humilhações*. Estas eram suas próprias palavras: “Por amor do Crucificado”, “Pela imitação do Crucificado”; e estes eram os vocábulo que se difundiam em casa: “O amor do Crucificado”, “Para imitar o Crucificado, de graça, abracemos os opróbrios”, vocábulo que aprendiam com seu Padre⁽²⁾.

Acostumava-as o santo Padre a desvelar todos os pensamentos de seus corações de tal forma, dizem aquelas primeiras Madres, que, com muita simplicidade o obedeciam, às vezes dizendo coisas ridículas, embora violentíssimas para quem as dizia⁽³⁾.

Ele não admitia que, em casa, reinasse o respeito humano; ao contrário, seu esforço era para se fazer alheio ao mundo, sendo um verdadeiro imitador do Crucificado e de São Paulo, de quem era extremamente devoto.

Como asseveraram muitas das Madres daquele tempo, ele era tão cordial e amoroso para com todas, que parecia se derreter de ternura para beneficiar cada uma delas. Vinha com frequência ao Mosteiro; mas, como nem sempre conseguia falar com cada uma em particular, já que haviam aumentado em quantidade, não se permitia, no entanto, ir embora sem que encontrasse todas. Por isso, antes de sair do Mosteiro, fazia tocar um sino e, reunindo-as, cumprimentava-as amorosamente, dizendo quatro palavras espirituais (*que as animassem*).

Este Padre abençoado tinha infatigável cuidado não só com as almas de suas filhinhas, mas também com os corpos e com as coisas temporais. Chamava-as a si e, com caridade extremamente profunda, interrogava-as: “Filhinhas, digam-me com sinceridade se precisam de alguma coisa”. E aquelas primeiras Madres asseguram que, embora ocupado com o serviço de Deus e o benefício das almas, sempre pensava em que não lhes faltassem nem sapatos, nem chinelos, nem outras miudezas. E ele próprio desejava prover todas as necessidades de suas filhinhas; e a quem quisesse recorrer a ele a qualquer hora, sempre recebia com expressão e palavras bondosadas e suaves.

Ministrava-lhes a Palavra do Senhor com muito ardor, fervor e doura simplicidade, tendo ainda escrito algumas pequenas obras de grande utilidade.

Naqueles tempos iniciais, nas manhãs em que faziam a Santíssima Comunhão – que, no entanto, não era, à época, muito frequente – as Angélicas costumavam se reunir em capítulo diante do Padre, pedindo-lhe, todas juntas, licença para receber a Santíssima Comunhão naquela manhã; e, com algumas palavras espirituais, eram estimuladas a comungar com devoção e fervor, não deixando o Padre de fazer com que realizassem as mortificações públicas que o Senhor lhes inspirava, pois, para dizer a verdade, foi tendo em mira a mortificação, o desprezo pelo mundo, a vitória sobre si mesmo e sobre as próprias paixões, que o santo Padre fundou esta Congregação, a fim de imitar o Cristo Crucificado, cuja imagem, exatamente através da imitação, chegou a esculpir em si próprio e também no coração de seus filhos espirituais de ambos os sexos.

Embora fosse muito dócil e benigno com os outros, era muito rigoroso consigo mesmo, afligindo seu corpo com sofrimentos de diversas asperezas: isso o ajudava a elevar mais livremente o espírito na oração e contemplação, o que fazia com bastante zelo, recebendo favores especiais do Senhor, como mencionado inicialmente.

Acredita-se que esta santidade de vida do Padre Zaccaria, es-

pecialmente o sentimento tão humilde e baixo que tinha de si mesmo, juntamente com a pureza e a inocência de mente e de corpo, fossem a causa dele ser tão tremendo em relação a espíritos malignos, libertando de suas mãos tantas almas por eles enredadas em graves pecados e tendo habilidade singular – por ilustração da graça divina – em descobrir as astúcias e tentações diabólicas. Expulsou de uma casa, com o sinal da santa Cruz e a invocação da ajuda divina, um demônio que visivelmente a infestava, ali trabalhando muito e inquietando seus moradores.

Estando este santo Padre a cada hora mais ardente para conquistar almas para Deus, transferindo-se por alguns dias para a cidade de Cremona, para ali se empenhar ainda mais no estabelecimento do novo Mosteiro de Santa Marta e pescar outras almas para o serviço divino, o Deus supremo, a quem ele agradava, resolveu raptá-lo para o Paraíso, de modo que esta pura pomba não se chafurdasse na lama desta lúgubre terra: por causa disso, dispôs-se a tirá-la deste ambiente de iniquidade.

Adoeceu gravemente. Aparecendo-lhe, o glorioso pai e protetor São Paulo, avisou-o da morte próxima. Tal notícia foi recebida por ele com muita alegria e júbilo, comunicando-a a seus filhos espirituais, preparando-se e dispondo-se com os santos Sacramentos. Na oitava dos gloriosos apóstolos São Pedro e São Paulo, ele voou ao céu, sendo impossível descrever as muitas lágrimas e dores de seus amados filhos.

O corpo bendito foi levado a Milão, em uma caixa amarrada com pequenas cordas, para o Mosteiro das Angélicas, pois não era oportuno sepultá-lo fora. As Madres que ali se encontravam no momento afirmaram que foram extremas a dor e copiosas as lágrimas de cada uma das Angélicas, que parecia que explodiam e morriam com seu Pai, pois o amavam muito mais profundamente do que a seus próprios pais carnis.

Recolheram aquele caro tesouro do cadáver do bendito Pai, não só com extrema ternura e lágrimas, mas também com suprema reverência e devoção. Rodeando aquela “caixa feliz”, como elas diziam, soltando as pequenas cordas com que estava amarrada e dividindo-as

entre si, colocaram-nas no pescoço por afeto e devoção. Alguns dizem que daí teria se originado o fato de trazerem a corda no pescoço, vindo, daquela ocasião, a inspiração, às mesmas Angélicas, de trazer sempre a corda no pescoço, “como ato de mortificação, sujeição e imitação do Crucificado”, como elas diziam, posteriormente pedindo a concessão do Sumo Pontífice para usá-la com o restante do hábito. Mas, quanto a isso, há diversidade de opiniões:: algumas que ainda vivem dizendo que já se trazia a corda quando o Padre Dom Antonio Maria ainda era vivo. Seja como for, a verdade é que, por devoção, as pequenas cordas que amarravam a caixa do Pai foram postas no pescoço⁽⁴⁾.

Mantiveram sobre a terra aquele bendito corpo por muito tempo, como se mencionará em breve. De quando em quando, abriam a caixa, reverenciavam-no, derramavam lágrimas e lhe beijavam os pés. Não só não lhes fazia horror, como costumam fazer os corpos mortos, mas terem o privilégio de poder vê-lo e revê-lo lhes trazia grande alegria, graça e alívio. Mais de oito Madres, que viveram à época e chegaram a nossos dias, afirmaram essas coisas, acrescentando que não apenas iam reverenciá-lo, mas, com suprema simplicidade e devoção, limpavam habilmente com alguns paninhos o bolor que se formava sobre o corpo. E fizeram isso por muito tempo, até que veio uma ordem geral de Roma para que não se mantivessem corpos mortos sobre a terra. Nessa ocasião, sepultaram-no na capela das Angélicas, no menor compartimento, à esquerda, quase abaixo da saída. Isso foi contado várias vezes por aquelas Madres que estavam presentes, tendo elas dito ainda que o bendito corpo foi colocado entre duas mesas⁽⁵⁾.

Ficou sepultado, com o corpo do Pai, o coração de todas suas filhinhas, que certamente não podiam se afastar dele. E assim, em suas descendentes até nossos tempos, as filhinhas sorveram das primeiras Madres o conhecimento, a devoção e o amor por seu amantíssimo Pai e Fundador. Nas necessidades privadas e comuns recorrem a ele com confiança filial, tendo experimentado sua proteção tanto nas necessidades espirituais como materiais, além de muitas graças e ajudas re-

cebidas por sua intercessão (o que se tem como certo), na humildade e modéstia das filhinhas estando guardado o esplendor e a glória do Pai.

Há duas claras e muito evidentes graças corporais, obtidas por intercessão deste bendito Pai. As que as obtiveram, por glória do Senhor e de seu Servo, contaram-nas e contam-nas pessoalmente, já que ambas estão vivas.

Madre Angélica Anna Maria Pirovana⁽⁶⁾, há tempos atormentada por terríveis dores de dente que não lhe davam trégua nem de dia nem à noite, tendo tomado todos os remédios possíveis, não só não melhorava, mas parecia piorar. Nada restava a fazer se não rezar a Deus para que lhe desse paciência. Fez algumas devoções, mas o Senhor não quis atendê-la, porque reservara a concessão da graça da saúde à intermediação daquele seu Servo. Veio-lhe então a inspiração de visitar o Corpo do Bendito Zaccaria, ou melhor dizendo, o local onde se sabe que está sepultado, recomendando-se a ele de coração: que se fosse essa a vontade do Senhor, conseguisse que aquela sua grave dor cessasse, pois tal dor impedia que cumprisse suas atividades espirituais e materiais. Feita a oração, obteve a graça, pois não só a dor se mitigou, mas de fato acabou, não a tendo mais afligido, apesar de tudo a que antes fora sujeita. Ela mesma, pessoalmente, afirma ter obtido esta graça pelos méritos e intercessão do bendito Pai Dom Antônio Maria.

A Angélica Verônica⁽⁷⁾, convertida e ainda viva, tinha uma chaga muito perigosa em uma das pernas, com uma inchação tal que não conseguia ficar em pé nem realizar qualquer atividade. E isto por longo tempo, tanto que, após muitos tratamentos e remédios sem êxito, os médicos consideravam a chaga incurável. Incomodava-a mais o fato de se ver inabilitada para as ações da Religião do que o mal em si. Assim, com grande fé, visitou o sepulcro do bendito Pai, pedindo-lhe em graça não a perfeita saúde, mas sim um tanto de alívio que lhe permitisse cumprir suas obrigações para com a Religião e fazer o ofício que lhe fosse atribuído pelos Superiores. E obteve a graça, como ela diz: “Muito mais do que lhe pedi, porque minha oração a esse bendito Pai foi

para que intercedesse junto ao Senhor por mim, se assim fosse sua santa vontade, para que meu mal se aliviasse; e esse me concedeu a saúde e a força de poder realizar, por tantos anos, um trabalho tão pesado e cansativo como é o da cozinha,” sendo ela bastante idosa. É verdade que, de vez em quando, sente um pouco o problema da perna, mas com um breve tratamento e repouso de dois ou três dias se recupera e retorna a seu ofício.

Sempre estive vivo e atualmente mais do que nunca está aceso o desejo, na maior parte das Angélicas, de escavar o lugar onde foi sepultado o corpo do santo Pai, de modo a encontrá-lo e poder, então, com a devida licença de Roma, levá-lo e acomodá-lo em local mais decente, com as honras devidas. Embora algumas tenham opinião diversa, temendo que, uma vez descoberto este caro e precioso tesouro, seja subtraído por aqueles que injustamente⁽⁸⁾ poderiam pretendê-lo, ou seja, nossos Padres.

Por volta de 1619, sendo priora a Madre Angélica Paola Cremona⁽⁹⁾, de feliz memória, foi feito um requerimento, por parte dos Padres e de muitas Angélicas da casa, no sentido de que se fizessem diligências para encontrar o corpo do santo Pai, de modo a posteriormente se pedir a licença, como se disse, para levá-lo. O que se fez através de um dos nossos que, à época, cuidava da horta do Mosteiro, tendo ele escavado bastante, embora parecesse não acertar bem o lugar, conforme as informações dadas pelas antigas Madres. De todo modo, choveu tanto, o tempo escureceu, aproximando-se a noite e começando a vir mais água à medida que se aprofundava a escavação que, assustados, pararam os trabalhos, não seguindo mais adiante. E não se fez mais nada.

Espera-se, porém, no Senhor, que, um dia, nos dê essa graça de descobrir esse tesouro escondido, para que seja honrado e glorificado seu santo Servo. Que seja do agrado de sua Majestade que isto ocorra em nossos dias, como, de todo coração, lhe pedimos.

Os Padres governavam as Angélicas tanto no aspecto espiritual

como no temporal, com muito proveito por parte da Congregação, na qual inculcavam, com todo zelo, as verdadeiras virtudes, sólidas e maciças, e elas as recebiam com tanta pureza e simplicidade que manifestavam, por assim dizer, todos os pensamentos que lhes vinham ao coração com incrível sinceridade e obediência cega e prontíssima. E se submetiam a provas singulares, até – pelo que se entendeu – trazer carvão aceso nas mãos. E revelavam publicamente os mais ocultos pensamentos de seus corações. Neste sentido, ocorreram atos heróicos e um tanto violentos feitos por amor do Crucificado e por mera obediência, todas sentindo o demônio estrilar de raiva⁽¹⁰⁾.

As palavras que continuamente se ouviam proferir pelos Padres e pelas filhinhas eram: “É preciso ter amor pelas vergonhas e rebaixamentos por amor do Crucificado”. Como, nestes primeiros tempos, não era imposta a clausura, os Padres podiam entrar e assim, ora uma ora outra filhinha, com a pureza de uma pomba, se ajoelhava diante deles, dizendo-lhes seus pensamentos. E eles mesmos as convidavam a fazê-lo, com muita benignidade, vendo o quanto de bom o Senhor operava naquelas almas puras. Mas, como a malícia humana é tal que suspeita do próprio bem, a pureza e a simplicidade angelical que se passavam entre os Padres e as filhinhas eram mal vistas por alguns, julgando-as como um grande mal, a tal ponto que foram se queixar disso a Roma⁽¹¹⁾. No entanto, designado um Visitante Apostólico⁽¹²⁾ para que examinasse minuciosamente tal fato, ele falou com os Padres, não ter nada a dizer de errado, sentindo-se bastante edificado com a santidade, integridade e prudência deles.

Examinando em seguida, em segredo, uma a uma das Angélicas, encontrou-as tão inocentes, cândidas e simples, a ponto de estarem longe até de entender as perguntas que lhes eram feitas. Perguntando a uma juvenzinha se cometera algum adultério, como ela não entendeu tal vocábulo, respondeu: “Afirmo-lhe, de verdade, que jamais tirei uma agulha de ninguém”, o que fez o Visitante louvar a inocência, a candura e a bondade daquelas pequenas virgens puras.

Todavia, para remover todas as possibilidades de falatório por parte daqueles que se comprazem em censurar as ações dos Servos de Deus, os Padres se retiraram bastante, indo com muita reserva, até que, com o passar do tempo, entenderam que seria bom – e as Angélicas insistiam bastante nisso – que elas se reduzissem a uma estrita clausura monástica. Elas já não saíam, a não ser para arrumar a igreja externa; mas os leigos vinham ao mosteiro, pois a Senhora Condessa de Guastalla, de ânimo esplendoroso e muito desejosa de continuamente atrair almas para Deus, deslocava-se para a casa e lá fazia refeições, além da Princesa de Molfetta⁽¹³⁾ e outras Damas, o que desagradava à maior parte das Angélicas, pela perturbação e por impedir que se empregassem perfeitamente no serviço de Deus. Por isso, instavam para que viesse de Roma o decreto de estrita clausura e que os leigos não pudessem entrar no Mosteiro, como aconteceu posteriormente⁽¹⁴⁾.

Isto desagradou à Senhora Condessa, porque sua ideia, desde o princípio, não foi a de fazer um Mosteiro, mas sim um lugar como Guastalla. Reservou-se a ela a faculdade de poder sair e retornar ao Mosteiro, porque tinha negócios importantíssimos em suas mãos e era mulher de tanto valor e reputação, indo à corte falar com o Governador e ao Senado, quando necessário⁽¹⁵⁾, além do fato de que a vocação a que Deus a chamava era a de andar pelas imediações (do Mosteiro) pescando almas para o serviço divino⁽¹⁶⁾.

Mas nem mesmo isso pôde durar por muito tempo, porque desagradava muito às Angélicas que queriam que ela também se enclausurasse, embora, por reverência, não ousassem dizê-lo. Encontrou-se certo escrito no qual aparecia claramente que a Senhora Condessa deveria fazer a Profissão e que, assim, fosse obrigada a encerrar-se na clausura. Mas, a boa Senhora afirmava que esta jamais tinha sido sua intenção. Esta questão da Profissão da Senhora Condessa foi estudada pelos Padres mais doutos que havia, especialmente P. Dom Giovanni Battista⁽¹⁸⁾, confessor do Mosteiro, que era teólogo. Para que esses não fossem tidos como suspeitos por causa do seu interesse pela Congre-

gação, fizeram com que a questão fosse estudada por outras pessoas doutas e, por fim, remeteu-a a Roma. E todos concluíram que a Profissão da Senhora Condessa era válida e, portanto, ela estava obrigada a se fechar na clausura. E logo chegou à dita Senhora a ordem de Sua Santidade⁽¹⁹⁾.

A Senhora Condessa foi avisada, em segredo, da ordem que chegara. Segura de que sua intenção não era aquela, sem dizer nada, saiu do Mosteiro, como de costume, pela manhã e foi à corte do governador, Dom Ferdinando, tratar de negócios, não retornando ao Mosteiro à noite. Foi aguardada por longo tempo pelas Madres, que não podiam imaginar o que estivesse acontecendo, pois ela jamais ficava fora do Mosteiro à noite. No dia seguinte e muitas outras vezes, pediram que voltasse, mas ela não quis mais retornar, sentindo-se afrontada pela Congregação⁽²⁰⁾. E, com efeito, retirou os emolumentos e subvenções que dava ao Mosteiro, inclusive a doação inicial e as propriedades, ao ponto de (as Madres) terem ficado em situação de tanta pobreza, que não podiam viver. As Madres contaram que, naquele tempo, tinham que comer coisas muito ruins.

Posteriormente, porém, a Senhora Giulia Sfondrata, que era viúva, tendo deixado seus serviçais e sua casa, por motivo de caridade, retirou-se para uma casinha vizinha ao Mosteiro, passando a viver pobremente para poder sustentar as Madres e os Padres, eles também vivendo em penúria. Posteriormente, deixou-lhes alguns legados, tornando-se monja no Mosteiro de São Paulo⁽²¹⁾.

Mais adiante ainda, a Senhora Condessa foi para perto d casa de São Barnabé e implantou o Colégio de Guastalla, onde morava. Embora tudo indique que lhe restou sempre um pouco de desgosto com as Madres, antes de morrer foi duas ou três vezes visitá-las no parlatório e à porta⁽²²⁾. Quando estava doente, à beira da morte, São Carlos foi visitá-la e pediu que deixasse seus ossos aqui com suas filhinhas, mas ela não quis consentir nisso, deixando-se sepultar em San Fedele⁽²³⁾. Deixou, porém, para o Mosteiro alguns bens imóveis, a propriedade

de Pizzolano e a de São Pedro⁽²⁴⁾, embora isto não representasse tudo aquilo que inicialmente estivera disposta a deixar antes que ocorressem aqueles desgostos.

São Carlos, Arcebispo de Milão, mostrava-se tão afeiçoado aos Padres de São Paulo Degolado e às Angélicas que esses acharam por bem que a Congregação se submetesse ao governo de Sua Senhoria ilustríssima nos aspectos temporais, como, de fato, se fez, preservando-se, porém a autoridade dos Padres⁽²⁵⁾. São Carlos, que os estimava bastante e se valia deles em questões graves, inclusive se confessando com eles, amava as Angélicas cordialmente, tendo-as em alta consideração e dando-lhes como exemplo às outras monjas⁽²⁶⁾.

Em Milão, o mosteiro de Santa Inês estava em condições tais que necessitava de grande renovação⁽²⁷⁾. Por isso, São Carlos resolveu tirar Madre Angélica Paola Antonia Sfondrata do mosteiro de São Paulo e mandá-la a Santa Inês para renovar seu fervor, sendo ela pessoa de muita santidade, prudência e habilidade. É verdade que as Angélicas impuseram muitas dificuldades, porque essa Madre “era” – como diziam – “a coluna desta Congregação”. Elas ofereceram uma das outras três irmãs Sfondrate, inclusive a priora à época, isto é, a Angélica Antonio Maria, mas São Carlos permaneceu firme e quis a de antes. Fê-la transportar em uma liteira a Santa Inês em 12 de fevereiro do ano de 1577 – o ano da peste – e ela, com muita habilidade, fez uma grande renovação, mas, tendo adoecido gravemente antes de concluir a obra, São Carlos a fez conduzir aqui para o Mosteiro. Curada, de novo, a fez reconduzir a Santa Inês, e, por graça do Senhor, deixou a obra em excelente estado, retornando pra casa, para imensa alegria de todas⁽²⁸⁾.

No ano de 1582, o papa Gregório XIII deixou nas mãos de São Carlos uma questão gravíssima referente à sereníssima Princesa Dona Margarita Farnese, que, casada com o sereníssimo Duque de Mântova, desejava, por razões de necessidade, se divorciar, tomando a resolução de se tornar monja (o que era difícilimo para ela). São Carlos a liberou de seu estado matrimonial e a conduziu aqui para o Mosteiro, sob os

cuidados do Padre Dom Paolo Maria Homodeo e de Madre Paola Antonia Sfondrata. O zeloso pastor trabalhava nesta questão com infatigável solicitude e, enquanto a Senhora Princesa esteve aqui, vinha uma vez por semana rezar a Missa e pregar⁽²⁹⁾. Durante a permanência da Senhora Princesa, acabou o triênio do priorado de Madre Paola Antonia, mas São Carlos a confirmou. Estando no Mosteiro, a Senhora Princesa tomou a resolução de se tornar monja e teria ficado aqui com grande satisfação. Mas, por respeito ao irmão, o Duque de Parma, por ela extremamente amado, decidiu posteriormente tornar-se monja em Parma, partindo do Mosteiro, com demonstrações de muita amabilidade para com a casa, sentimento que sempre conservou⁽³⁰⁾.

Em 1583, ficando viúva, a Senhora Clementia Grassa, dama de muitas qualidades, se colocou nas mãos de São Carlos para que ele dispusesse de tudo da forma que lhe parecesse melhor. São Carlos colocou-a no Mosteiro de São Paulo até que tomasse sua resolução, que foi a de se fazer monja nessa Congregação, tendo sido uma religiosa virtuosíssima e exemplar. Deixou esta vida na idade de 38 anos⁽³¹⁾.

No ano de 1584, em 4 de novembro, São Carlos morreu, deixando ao mosteiro, como herança, um quadro que desperta grande devoção, porque mostra tudo o que o Senhor padeceu no monte Calvário⁽³²⁾.

No ano de 1587, o Padre Don Carlos Basgapè, então superior geral, deu à Congregação, por confessor, o Padre Boaventura Assinari. Este grande Padre julgou conveniente que uma Congregação tão bem conduzida pela graça do Senhor tivesse suas Constituições e Ordens prescritas. Por isso, promoveu a aceitação das Constituições que estavam em prova por alguns anos e já haviam sido descritas pelo mencionado Padre Don Carlos Basgapè por ordem de São Carlos. Elas foram submetidas ao Capítulo e votadas, do início ao fim, na presença do dito Padre, que superou muitas dificuldades e contradições, ajudado, em casa, pela Madre Paola Maria Sfondrata, a priora, muito obsequiosa com os Padres, assim como pela Angélica Agata, sua sobrinha. Começou-se, então, a praticar as novas Constituições com muita satisfação e

de espírito renovado pelas integrantes da casa⁽³³⁾.

Não se fazia a Santa Comunhão em comum mais de três vezes por semana⁽³⁴⁾. Padre Dom Boaventura desejava introduzir maior frequência⁽³⁵⁾, especialmente por ver que muitas Angélicas estavam bastante desejosas da Comunhão⁽³⁶⁾. Por isso, acrescentava alguns dias a mais. No domingo de carnaval, vindo o Padre à casa, para dar a comunhão a algumas enfermas, a priora, Madre Paola Maria, inspirada pelo Senhor, levou à presença dele cinco jovens Angélicas que, com grandes cordas ao pescoço, ajoelhadas, pediram ao Padre a graça da santíssima Comunhão para os oito dias de carnaval. O padre, para testá-las, respondeu que aquela não era semana de Comunhão, mas sim de recreação. Mas, depois determinou à Angélica Agata que se dirigisse a cada uma das Madres, com uma lista nas mãos, para perguntar-lhes se preferiam a recreação ou a comunhão. A maioria respondeu que seus recreios e consolações eram receber o Senhor e estar unidas a ele. O Padre deu a comunhão durante toda aquela semana e na quadragésima seguinte, pouco a pouco passou a introduzi-la todos os dias⁽³⁷⁾.

Ele desejava que as que comungassem antes fizessem as seguintes coisas:

1. Um ato virtuoso por amor da Sagrada Comunhão;
2. Se abstivessem de um defeito particular;
3. Fizessem, à noite, o exame de consciência;
4. Dissem antes o Ofício Matutino e fizessem a Oração, exceto m caso de algum impedimento sério.

Não queria que fizessem a santíssima Comunhão naquela manhã, as que dissem palavras de maledicência, fomentassem as paixões, ou apresentassem outros defeitos relevantes contra a caridade para com o próximo.

Deu-se notícia ao Padre Dom Boaventura de uma jovem muito perita na música e excelente organista. Ele fez tudo para buscá-la no Mosteiro: era a Angélica Helena. Tinha-se música na igreja, mas sem instrumentos, o que não ia muito bem. Por isso, tendo o Senhor manda-

do a ventura de se ter esta jovem, o Padre e as Madres trataram de tocar o órgão e o realejo na igreja, mas antes era necessário obter licença do Padre Geral, Monsenhor Basgapé. Estando este ausente, escreveram-lhe, mas não obtiveram resposta. Por isso, falaram com os Padres Assistentes e concluíram por fazê-lo. A Angélica Helena tocou na igreja, pela primeira vez, na festa de Todos os Santos. O Padre Geral não gostou que uma ação de tal relevância se fizesse sem as convenientes ponderações, sem que se esperasse sua resposta. Mas, logo as coisas se acomodaram⁽³⁸⁾.

Em 1591, o Cardeal de Cremona se fez papa⁽³⁹⁾. Doou a suas três irmãs mil escudos para cada uma, com os quais se fizeram os grandes castiçais de prata, o painel do cenáculo e um bom abastecimento de tela para a casa. O Senhor Cardeal de Santa Cecília⁽⁴⁰⁾ doou ao Mosteiro uma cruz de jóias, que custou mil escudos.

Em 1599, o ainda confessor, Padre Dom Boaventura, se tornou Geral⁽⁴¹⁾. Morreu no ano seguinte, no dia de São José, em Bolonha, quando em viagem a Roma⁽⁴²⁾.

Em 1603, o Senhor permitiu que houvesse uma grande mortalidade na casa. Do dia de Natal até o dia de São Paulo, morreram treze Angélicas de febre maligna e dores lombares, dentre as quais a madre priora Paola Maria Sfondrata em 11 de janeiro e, no dia 15, a Madre Paol' Antonia Sfondrata⁽⁴³⁾. Era padre confessor Dom José Maria⁽⁴⁴⁾, que, com enorme caridade, atendeu as moribundas dia e noite. Nesta ocasião, decidiu-se, na Congregação, encontrar três jovens que se fizessem monjas sem dote. Tal decisão se cumpriu com o passar do tempo, tendo sido estas a Angélica Paola Jerônima, a Angélica Paol' Agostinha e a Angélica Lúcia⁽⁴⁵⁾.

No mesmo ano, o dia 14 de fevereiro, Madre Faustina Olevena foi feita priora, para cumprir o triênio de Madre Paola Maria que morrera⁽⁴⁶⁾.

Nesta época, o Senhor Cardeal Borromeu mandou monsenhor Magiolino como confessor extraordinário, para grande desgosto de

toda a Congregação e também dos Padres⁽⁴⁷⁾.

Em 1605, foi feita priora pela primeira vez Madre Angélica Agata Sfondrata⁽⁴⁸⁾. Obteve votos favoráveis de todas as Madres. Nesta época, a expensas do Senhor Cardeal de Santa Cecília, seu irmão fez construir a capela de Nossa Senhora de Loreto⁽⁴⁹⁾ e a capela de São Carlos⁽⁵⁰⁾. Em muitos aspectos, ajudou os Padres de Santo Alessandro⁽⁵¹⁾.

Durante todos os doze anos em que foi priora, ervindo-se das esmolas generosas que lhe dava o Senhor Cardeal de Santa Cecília, Madre Angélica Agata doou à igreja o que se segue e ainda mais:

Uma bacia de prata

Dois pares de vasos de prata

Um Missal encadernado em prata

Tábua dos Segredos em ébano e prata

Uma Casula feita com suas próprias mãos

Um paramento todo de tela de prata com ornamentos florais de seda

12 casulas de vários tecidos, a maior parte com ouro

Um véu de cálice feito com suas próprias mãos

5 outros véus de cálice muito bonitos

Três bolsas feitas com suas próprias mãos

Outras sete bolsas, todas bonitas

6 camisas de cambraia com trabalhos em ouro

Outras cinco camisas de cambraia

Quatro roquetes de cambraia com belíssimos trabalhos

Sete sobrepelizes de cambraia

Seis toalhas

Oito forros de toalhas

Tapetes para cobrir toda a capela grande⁽⁵²⁾.

Aos Padres de São Barnabé⁽⁵³⁾ deu o seguinte, no Natal:

Dois pares de vasos de prata para uma e outra Congregação

Missal para o altar, encadernado em prata, para todas as duas

Congregações

Mesinha de credência em ébano e prata para São Barnabé

Pluvial com rocadosde ouro para São Barnabé
Cordões de seda e ouro muito bonitos.
Cera para a igreja.

Em 1623⁽⁵⁴⁾, fez-se priorisa Madre Angélica Joana Visconte, conseguindo-o da maneira que se relata a seguir. Saíra do ofício de superiora a Madre Angélica Paola Cremona. Na eleição da nova superiora, no momento da indicação secreta, foram nomeadas Madre Angélica Agata e Madre Angélica Joana. Nem uma nem outra conseguiu votos suficientes em três votações, tendo o vigário, Monsenhor Mazenta suspenso o capítulo por uma hora. Após o almoço, voltou com a seguinte resolução: que se fizesse um capítulo no qual (as Angélicas) se contentassem em receber por priorisa aquela que tivesse mais votos entre as duas, ainda que nenhuma delas alcançasse os votos suficientes. O Monsenhor pesquisou qual das duas tivera mais votos, mas não quis dizê-lo. Houve alguma constação. Finalmente, como começou a haver algum tumulto, resolveram obedecer às cegas. E Monsenhor Vigário disse que Madre Angélica Joana tivera mais votos e seria a priorisa⁽⁵⁵⁾.

Nessa época (1625), chegou-se à confirmação e implantação das Constituições; para tanto intervieram o Padre Dom Jerônimo Boerio; o Padre Dom Crescente [Sprotti], confessor do Mosteiro; Monsenhor Mazenta, vigário e Monsenhor Settala. Foram acrescentadas algumas outras coisas. Feito o Capítulo, pouco foi aceito pelas Madres. Procurou-se um Breve de Roma, que autorizasse o Senhor Cardeal Borromeu a confirmar o que fora obtido. O Senhor Cardeal veio ao ato de confirmação na vigília da Imaculada Conceição e o fez para desgosto da Congregação⁽⁵⁶⁾. Naquele mesmo dia, o Senhor Cardeal, através de Monsenhor Vigário, emitiu, em casa, o Decreto de reconhecimento dos Benfeitores ue everiam contribuir somente com dinheiro.

No advento, aconteceu uma enfermidade grave na casa, com febre aguda e dor de garganta . Em uma semana morreram três e muitas outras padeceram do mesmo mal. Fizeram-se três procissões a Nossa Senhora do Loreto. As doentes se curaram e o mal não foi adiante.

Notas da segunda parte

⁽¹⁾ O primeiro testemunho cronológico completo sobre a santidade do Zaccaria é de uma Angélica: Paola Antonia Sfondrati senior: “*Seu primeiro Padre Confessor foi cremonense, gentil-homem honrado pela família dos Zaccaria e por suas dignas condições, literato e de vida íntegra desde antes de ser ordenado sacerdote, privilegiado com outros dons espirituais muito intensos, de luz, de discrição e de sabida capacidade de julgar e de ardente caridade para ganhar almas, especialista em guiá-las ou governá-las de tal maneira que tornava fáceis todas as suas coisas difíceis e árduas. Não havia tribulação que ele não consolasse, com sua modéstia e bondade; não havia tentação que não aplacasse e inclusive superasse com seu conselho; e, como se lê em Santo Ambrósio e outros Santos, ao escutar as confissões e aflições de seus súditos, acompanhava-as com lágrimas e despertava a compunção dos penitentes, além de, sendo ele homem de tanta oração, todos testemunhavam a ajuda que dele sentia. Como sabem aqueles que o conheceram, após ter se entregue à vida espiritual – foi, aconselhado por um Padre de São Domingos, cremonense, que era tido na cidade como um homem santo, chamado Padre Frei Marcelo – (Zaccaria) sempre caminhou do bom para o melhor; e assim, em hábito secular, reunia muitos nobres e gente de todo tipo na igreja de São Vital, lendo-lhes a Sagrada Escritura, mantendo-os nos exercício espiritual para desviá-los de espetáculos e outras distrações. Depois, sob a direção do Padre Frei Batista, indicado pela Condessa, fez-se sacerdote por vontade dele, em cuja dignidade acreditou, tanto no estudo da perfeição, quanto na sua vivência que, para todos os que o conheciam, era tido como um santo homem; não tanto por suas próprias características, mas pelo que praticava, sendo útil para todos no trato, no pensar e na vida exemplar, tão estimada na medida em que, desde a infância e a juventude, todos testemunharam certa graça aparente com a qual fora favorecido pelo Senhor. Por isso, ainda sendo leigo, era reverenciado como religioso, distinguindo sua vida pela distânciasua das coisas do mundo, dos apetites dos sentidos e da carne. Sua profissão secular foi a de médico, em cuja ciência se formou por honra de sua casa e de sua família, não tendo, no entanto, seguido tal arte, já que logo se voltou para o serviço de Nosso Senhor, no qual terminou a vida, em 1539, a cinco de julho*”. SFONDRATI Paola Antonia sen., História das Angélicas de São Paulo; MS. In A.G.B., L.c.7, cc.41-42.

(2) *“Poucos estímulos eram necessários, estando tão ardente nelas o desejo da perfeição e imitação dos Santos, com a memória do seu Senhor Crucificado, que era essa a recomendação, o objeto, o pensamento, as reuniões e toda sua afeição”*. SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., c.39. *“Nosso Senhor achou complacência no marcá-lo com a Cruz das tribulações, autenticando e firmando todos os atos de violência, mortificação e abnegação de si mesmo, da mesma forma, neste triênio, após a Profissão, por imitação do Crucificado, de acordo com as reflexões das primeiras Madres a respeito da imitação do Senhor Crucificado, ara vencerem a si mesmas, seguiu aquela orientação, ajudada pelas Mestras que a guiavam, incentivando as Noviças a se habituarem às violências e mortificações”*. SFONDRATI Lucrezia Maria, Cecilia Maria, Paola Antonia Junior e Sigismonda Maria, Vida da Angélica Ágata Sfondrati, MS. In A.G.A., nº 17, cc.19-20.

(3) Podem-se encontrar traços dessa abertura espiritual nas Regras dos Noviços Barnabitas, cap.2: *“(Os Noviços) se proximem do Mestre com simplicidade e liberdade de filhos, para conhecerem seus sentimentos mais íntimos, as tentações e sofrimentos, bem como os enganos diabólicos e estejam dispostos a usar os remédios (correspondentes). Além disso, duas vezes por semana, quer tenham bons ou maus pensamentos, consolações ou desolações, submetam confiantemente ao parecer do seu Padre (Mestre) como anda sua situação em geral para que o coração dele (Mestre) receba maior peso do que o deles”*. Institutio Novitiorum, Milano 1598, p.6. Antes, o Santo Fundador o codificara nas Constituições: S. ANTONIO M. ZACCARIA, Gli Scritti, Roma 1975, pp.258-59

(4) “No entanto, em todos esses anos passados, o hábito das monjas sempre passou por mudanças, não estando perfeitamente estabelecido. Levemos em conta que, embora tivéssemos assumido o de São Domingos, desejávamos mudanças em algumas partes, como aconteceu posteriormente. Ajustamos o manto negro sem pregas e com as mangas, de modo a vesti-lo do pescoço até os pés, para (mostrar) maior seriedade; os dois véus foram tirados, deixando às professoras o negro sem o branco, como usavam as de Santa Clara, mas não as Dominicanas. Decidiram igualmente trazer sempre uma corda ao pescoço, em memória das injúrias sofridas pelo seu Senhor Crucificado. No ato da Profissão, pegavam o anel da mão dos Superiores que as aceitavam à Profissão, como sinal de perfeito casamento com seu Senhor,

anel que era de ouro, mas muito simples, com a cruz gravada em um coração. Todas essas coisas foram levadas a Sua Santidade, com a imagem de uma religiosa vestida dessa maneira. As súplicas foram atendidas por ele benignamente com um Breve apostólico, não antes do ano de 1549, em 6 de agosto (na esperança que tudo aquilo amadurecesse). A súplica foi levada através do Cardeal Sfondrato, que, a suas expensas, se dispôs a fazê-lo, pelo grande amor que dedicava à Congregação e por sentir-se comprometido coosco, quatro irmãs, suas filhas”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia dit.*, cc.55-56.

⁽⁵⁾ Esta descrição é importantíssima, pois permitiu que o Pe. Timóteo Bertelli conseguisse reencontrar, com segurança, o Corpo do Santo Fundador. Os estudos preliminares das escavações encontram-se no Arquivo do Colégio “Alla Querce” de Florença.

⁽⁶⁾ A Angélica Anna Maria Pirovano, em 1624, ocupava o 30º lugar entre as 66 integrantes do coro do Mosteiro de São Paulo (A.G.A., Lista das Angélicas de 1624) e, em 1625, era a última das Discretas a tomar conhecimento da implementação das novas Constituições. Professou os Votos em 1600 e morreu bastante velha em 9 de maio de 1651 (A.G.A., MS. N° 14/5, f.2v e 18).

⁽⁷⁾ É a Angélica Verônica Orsini. Sabemos que ela morreu com 96 anos (A.G.A., MS. N° 14/5, p.7). Em 1624-26, era a mais velha das Irmãs-Convertas. Note-se que a instituição das Irmãs Convertas foi adotada pelas Angélicas tardiamente, como escreve Sfondrati P. A. sen.: “Nunca os trabalhos pesados foram jogados nas costas das Irmãs Convertas, pois, durante muitos anos, só havia uma ou duas. Isto se fez mais por misericórdia do que por necessidade, querendo fugir daquela ideia detestável em vogo em outros mosteiros, de chamar estas Irmãs de ‘servas’. Isso para se sentirem religiosas humildes e abjetas”. *História cit.*, c.59.

⁽⁸⁾ O manuscrito foi corrigido posteriormente por outra pessoa para: “justamente poderia pretendê-lo”; foi um Barnabita evidentemente.

⁽⁹⁾ A Angélica Paola Cremona, companheira de Noviciado da Angélica Ágata Sfondrati, foi priora nos triênios 1608-11, 1614-17, 1620-23 (Irmãs Sfondrati, *Vita cit.*, c.129). Morreu logo após o terceiro período como priora, pois aparece como já falecida na lista das Angélicas de 1624.

⁽¹⁰⁾ Cf. nota 2. Quanto às perseguições diabólicas, é importante conhecer o que escreve a Angélica Paola Antonia Sfondrati sen.: “Por muito tempo,

aconteceram muitos estalos, rumores, barulhos e visões assustadoras de diversos animais e outras coisas em volta, não obstante as frequentes bênçãos e aspersões de sacerdotes. Eram tais que chamados e reunidos os homens que estavam em casa a serviço da Senhora Condessa, para que as defendessem, duvidavam (a respeito dos rumores que se ouviam) que não se descobrissem ladrões ou outros inimigos externos; no entanto, tudo não passava de insídias ocultas de espíritos infernais. Digo-o por ter ouvido diretamente dessas almas benditas, que resistiam com a ação e o recurso à oração, prosseguindo, com muito fervor de espírito, seus exercícios e empreendimentos. Também eram treinadas por seus Pais espirituais a não considerarem ou raciocinarem apenas entre elas, mas sim a manifestar, apresentar e revelar tudo aos ouvidos de Deus com a fervente oração”. *Historia cit.*, cc.22-23.

(11) O tradicional “Benedicite”, mal entendido como “adoração aos sacerdotes”, é mencionado inclusive no Breve com o qual Júlio III ordenava ao Cardeal Juan Alvarez de Toledo a Visita Apostólica a Barnabitas e Angélicas. PASTOR Ludovico, *Storia dei Papi*, VI, Roma 1922, p.604.

(12) Mons. Leonardo Marini, bispo de Lanciano e sufragâneo de Mantova, foi designado pelo Cardeal Juan Alvarez de Toledo, Protetor da Congregação. Ele chegou a Milão no final de outubro de 1552. PREMOLI Orazio, *Storia dei Barnabiti nel Cinquecento*, Roma 1913, pp.114 e 117-121.

(13) A princesa de Molfetta, mulher de Ferrante Gonzaga, governador de Milão, amicíssima da Condessa Torelli, “a tinha como uma mãe e por isso freqüentava-lhe em conversas e presença, especialmente na ausência do marido, que, frequentemente estava ocupado – por perigo de guerra e outras calamidades que, à época, circundavam o Estado e as localidades a ele submetidos. Nem encontrava outro refúgio a não ser recorrer a Deus, sendo ela mulher pia e muito devota. A tal fim, freqüentava nosso Mosteiro, ali ficando com freqüência por oito ou quinze dias e noites, na hospedaria interna, certo que trazia amor e devoção a toda a Congregação, com bastante familiaridade. Fazia companhia nas orações e ofícios diurnos e noturnos, nas lições santas e outros exercícios, especialmente dos santíssimos Sacramentos. Com freqüência tomava as refeições no próprio cenáculo com nossas Madres, e em todos os lugares conversava sem pompa e humildemente”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia cit.*, cc.73-74

(14) “Por ser um lugar novo e não estarem estabelecidas as coisas tem-

porais, além do amor dedicado à Condessa sua fundadora, sua fama e nome célebre faziam com que fosse visitada com frequência por damas leigas, que vinham de perto e de longe para conversar, não sendo vedada sua entrada no Mosteiro, pois não existia, naqueles tempos, nesta cidade e tampouco nas outras, qualquer mosteiro de clausura. Além disso, havia a sua inclinação natural de ajudar a todos. No entanto, cansava-se demais nesta atividade e ainda ocupava as mais experientes e maduras. Embora esta atividade incomodasse à maior parte, que desejava uma vida mais perfeitamente retirada, aceitava-se tudo com bom ânimo e com largueza de coração”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia cit.*, cc.51-52. [Após o aviso da República de Veneza] “dentro de todas cresceu a sede de se retirar mais e de se abster de todos os tumultos, para viver uma vida mais perfeita e conforme àquela dos primeiros religiosos. Esse desejo de tornar o Mosteiro de clausura, assunto de que se falava quase que por brincadeira, mas que estava no íntimo de muitas, tornou-se mais vigoroso e manifesto nessa ocasião. A própria mãe e fundadora conhecia, elogiava e aprovava tal estado de vida para suas filhinhas, mas como estivesse mais inclinada para ganhar as almas não se esforçava muito para isso... E também havia diversos pareceres e juízos sobre coisa tão importante e diferente do costume, não apenas da metrópole, mas também das outras cidades... [O Padre Giovanni Battista Caimo] no exercício de seu ministério de confessor, concordava com aquelas que aspiravam à clausura e sabia dos muitos frutos que viriam... Foi tudo consultado com os dois veneráveis e principais Padres de São Barnabé (os Padres Melso e Besozzi), que estavam em Roma por questões particulares. Havia o entendimento que era do agrado daquele supremo tribunal (Roma) esta intenção de viver na clausura e que não se podia fazer coisa mais santa nem mais exemplar... Foi chamado pela Casa como Visitante e agente desta questão o bispo Marino, sufragâneo de Mantova, frei de São Domingos, grande perito em todas as coisas, especialmente as pertinentes às Congregações. Por isso, ele foi delegado por Sua Santidade Júlio III, no final de outubro do ano de 1552 e se dirigiu a Milão para este fim. Ele fez a visita trazendo muita consolação e edificação, moderando algumas coisas e conforme seu parecer, impôs a clausura ao Mosteiro”. *Ivi*, cc.75-78. A narrativa, embora verdadeira, não é oficial. A clausura foi “reforçada” em 1578 por São Pio V. *Ivi*, c.103..

⁽¹⁵⁾ Nos palácios de Senadores, nas cortes dos Príncipes e nos tribu-

nais de todos os Magistrados, onde com frequência era forçada a se apresentar para defender as coisas já facultadas, apaziguar as divergências e obter as autorizações necessárias para implantar esse edifício, sendo de tal valor sua presença e favorecida pela graça de Deus, jamais voltava de lá em vão”. SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., c.26.

⁽¹⁶⁾ “A Senhora Condessa tinha outras atividades mais relevantes em benefício do próximo, como ajudar os pobres, visitar lugares pios e resgatar almas do pecado. Para isto, tinha um admirável dom do Senhor e um coração magnânimo para visitar casas, para resgatar almas para Cristo e tirá-las do pecado, mesmo encontrando aí pessoas reconhecidamente transtornadas e loucas. Tal atividade foi feita por ela até à morte, sempre o fazendo com muito gosto”. SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., c.51.

⁽¹⁷⁾ [A Condessa Torelli] “por não se contentar apenas com os efeitos religiosos, através dos quais, na verdade, não só se igualava às suas filhinas Angélicas, mas até as precedia, por que não se deveria conformar a elas professando os mesmos Votos?” (SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., c.55). Os Votos foram emitidos por ela no mesmo dia da Profissão da Angélica Paola Antonia Negri, nas mãos desta e em particular. (PREMOLI, Storia cit., p.32, n.2). Era, como se dizia então, uma “profissão tácita”, que vinculava a consciência e não se emitia publicamente. O próprio Santo Fundador, nas Constituições (Escritos, 31608-10), contempla a eventual situação dos “professos tácitos”, que, porém, causaram não poucos transtornos a Barnabitas e Angélicas após a Visita Apostólica de 1552.

⁽¹⁸⁾ É o P. Giovan Battista Caimo, de quem a Angélica Paola Antonia Sfondrati sen. escreve o seguinte: “Chegou um novo Padre confessor, vigilante e inteligente, designado para o Mosteiro na Páscoa de 1551, dadas as grandes ocupações do Padre Besozzo e o grande número das mulheres (mais de cem). E este foi o Padre Dom Giovan Battista Caimo, digno milanês, pessoa qualificada em todos os aspectos e conhecedor da Corte de Roma, onde morou por muitos anos ao serviço do Ilustríssimo Cesis, pelo qual foi enviado a Milão para cuidar de suas importantes atividades. Tendo renunciado a todas as expectativas mundanas e eclesiásticas, com muito fervor de espírito, se fez religioso e, em pouco tempo, adquiriu muitas virtudes e chegou a ser um sujeito de rara perfeição, homem de contínua oração e contemplação, de grande obediência e rigor de vida, bem letrado, de grande prudência e acuidade,

eficiente em todas as atividades”. Historia cit., c.76.

⁽¹⁹⁾ A Angélica Paola Antonia Sfondrati sen., em sua Historia (cc.83-84), analisa as causas: “Dentre as causas deste amargo evento está o fato de ter surgido no Padre Caimo – confessor dela (da Condessa) e do Mosteiro, dedicado à sua função com muita caridade e prudência, sendo homem temente a Deus e de consciência muito rigorosa – despertou-se no seu ato de julgar e de apreciar a questão, o escrúpulo de que ela não poderia se valer da liberdade habitual de entrar e sair, nem tampouco de se conceder a licença para tal. E isto, depois de ter visto e conhecido um escrito dela, de seu próprio punho, que se achava junto às coisas mais secretas e importantes da Casa, no qual ela pronunciava, de tempos em tempos, palavra por palavra, nas mãos dos Superiores canônicos, todos os três votos segundo a forma da Profissão de todas as Madres. Mantendo grande segredo, Pe. Caimo conferiu com alguns doutores e canonistas e com os dois primeiros teólogos da cidade..., e sendo o parecer de todos eles, depois de feitos muitos estudos, que ela estivesse vinculada à Profissão Religiosa, e considerando ainda as muitas funções que ela sempre assumira no Mosteiro, sentiu-se obrigado em sua consciência a comunicar isso somente a ela, de modo a conduzir a questão (como deveria ser secretamente) e com o respeito merecido pela vida dela, dedicada por tantos anos ao serviço do Senhor. Esta motivação não foi vista por ela com esse sentido. Ao contrário, totalmente alheia a este escrúpulo e sem pensar em ter a mínima obrigação com tais votos, embora extremamente desejosa de chegar à total perfeição e caminhar nos caminhos do Senhor, antes de tudo reputava uma ofensa, como ela dizia, viver ociosamente e deixar de realizar as obras a que, desde o princípio, se sentia chamada, se esforçando a ajudar muita gente. O mesmo Confessor considerou tais argumentos por muitos dias, tendo tido longas discussões com ela. Mas tais pretensões não apaziguaram a consciência dele, que se fizera vigorosa e segura pelo conselho e estudo de muitos doutores. Advertiu-a então de que estava obrigado a dar parte dos fatos ao Ilustríssimo Protetor, o Cardeal Compostella, deixando que dele viesse a revelação da verdade. Sentindo e já sabendo o quão valioso era esse aviso do próprio Senhor, temendo receber alguma ordem contrária ao que desejava, ela antecipou qualquer futura insatisfação e, subitamente, tomou a deliberação já mencionada de deixar o Mosteiro; ela, também, tendo sido aconselhada por homens sábios, talvez demasiadamente confiante na

prudência humana e terrena”.

(20) Assim também escreve Sfondrati: “A Condessa, saindo e entrando a seu arbítrio, conforme a concessão de Sua Santidade no Breve da clausura, e às vezes ficando fora dois dias e duas noites – seja por causa de amigos enfermos à beira da morte, ou por outras situações igualmente piedosas, ou ainda para visitar suas propriedades, mas mais frequentemente para ajudar e consolar a já mencionada Governadora do Estado, quando o Príncipe estava ausente, mergulhado em trabalhos muito sérios, relativos à guerra nos estados imperiais – um dia, ou seja, no décimo quinto dia de dezembro de 1554, não voltou e não quis mais entrar no Mosteiro. Embora a procurassem de todas as formas, rogassem, suplicassem, fazendo cuidadosas tentativas para que ela admitisse a nova mudança em sua vida, tudo foi deixado passar em silêncio, a não ser pelo que facilmente se percebia, junto aos Superiores e Maiores da Casa, o quão esse fato era doloroso para todas. Depois de poucas semanas que ela foi morar na corte, junto a Sua Excelência, com uma pessoa que a servia, é que começaram a buscar as suas coisas, utensílios e móveis necessários, que lhe eram entregues de acordo com suas indicações. Quando foi embora de nossa casa, ela ficou provisoriamente no mosteiro das Convertidas, próximo daqui, tentando, com todas as forças, assumir uma casa própria com capacidade para muitas pessoas, de modo a se retirar e iniciar um novo local que não fosse mais para monjas, mas que servisse como seminário. Começou então a aplicar todos os rendimentos que estavam pra chegar ao Mosteiro perto do dia da festa de São Martinho e o montante que não se destinava à doação, que era, pelo menos, mais de dois terços do que deixara ao Mosteiro, e foi se alojar para os lados da Porta Vercellina. Mas, com o tempo, não muito satisfeita nem ali nem num outro lugar, restou-lhe a escolha de um terceiro lugar fora da Porta Romana, onde conseguiu uma casa e um terreno enorme, apropriado para construção. Ali implantou o segundo colégio interno de mulheres e meninas, como se vê até os dias de hoje” (Historia cit., cc.81-82). Idêntica narrativa em MORIGIA Paolo, *Vita esemplare e beato fine dell’Ill. Ludovica Torella contessa di Guastalla, Bergamo 1592*, pp.9-11; e ROSSIGNOLI Carlo Gregorio, *Vita e virtù della contessa di Guastalla Ludovica Torella*, Milão 1686, pp.66-71.

(21) Paola Antonia Sfondrati sen. trata amplamente disso na História, cc.87-88. Giulia Sfondrati conhecera os Barnabitas e as Angélicas através

do irmão Francisco, futuro Cardeal, que morava perto do Mosteiro e ajudou bastante as Angélicas a tratar do assunto da construção do Mosteiro (Historia cit., c.20).

(22) “Ficou sempre ligada por terna paixão a esta nossa Casa. Embora, nos primeiros dias após sua partida, conservasse certos ares de ressentimento materno), o que nos causava infinita aflição, pois ela julgava ter sido ofendida – coisa que muitos leigos e religiosos lhe falavam a toda hora ao pé do ouvido, com a intenção de moldar este sentimento de maneira muito eficaz no seu coração – ... posteriormente, os efeitos daquelas insinuações foram aplacados porque ela se fazia presente, às vezes por longos espaços de tempo, nas grades do parlatório, com indizível amor e, junto aos amigos a ela mais familiares, descobríamos seu amor e ternura, pois ela vivia continuamente ciosa de nosso bom êxito”. SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., c.86.

(23) [Torelli] “adormeceu no Senhor no ano de 1569, na festa dos Santos Apóstolos Simão e Judas, no próprio Colégio novo, sob a direção dos Padres Jesuítas, que prestaram os últimos serviços religiosos à sua alma piedosa. Nestes anos em que morou fora, dedicou-se muito aos jesuítas, sendo sepultada na igreja deles, como se vê na capela doada por ela a eles, pois assim ela determinou por testamento. Pode-se imaginar facilmente o quanto suas filhas, que sempre viveram com o desejo que seu túmulo fosse colocado na sua própria Casa, desejaram ansiosamente que isso finalmente fosse possível. Foi pedido a certos amigos, que intercedessem, em nome da Casa, para obter tal favor; então foi do agrado do Senhor, que aqueles a quem se confiou esta tarefa, a fim de que fosse feita corretamente, o fizessem fraudulentamente, para maior mortificação de todos. Quando o Ilustríssimo Pastor, nosso Cardeal de Santa Praxedes, que a visitou pouco tempo antes de sua morte, ficou sabendo disso e entendeu o que acontecera, lamentou não ter sido avisado, pois teria adotado outros meios para que ele próprio a convencesse de tão justo pedido, feito por ela mesmo a Cristo, dizendo ser razoável que seus ossos fossem colocados na verdadeira habitação feita para ela e para suas filhas, não sendo seus ossos depositados em um lugar qualquer”. SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., cc.89-90.

(24) “E lhes doou um lugar chamado Pizzolano San Martino, com duas mil pérticas de terra e com muitos outros legados, em parte terras devolutas, em parte abandonados, para escapar dos litígios e ocupações de pessoal não

religioso. Isso foi no ano de 1536, no dia 2 de março, sendo beneficiado o senhor Cristóvão Daverio. Fez outro, no ano de 1539, em 22 de abril, de uma propriedade em Piacentina, com muitos outros legados de grande valor, em favor de Besozzo”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia cit.*, cc.32-33.

⁽²⁵⁾ O fato das Angélicas serem dirigidas pelos Barnabitas fora estabelecido pelo papa Paulo III no Breve de 6 de agosto de 1549: “Em tal Breve obtiveram-se diversas isenções e facilidades para o mais perfeito serviço do Senhor, como seguir o Ordinário (sabendo-se que não tinha nenhuma residência na cidade) e submeter-se ao Preposto de São Barnabé”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia cit.*, c.56.

⁽²⁶⁾ Sfrondrati, na sua *Historia*, ressalta isto três vezes: “Quando acontecia que, em seu nome (de São Carlos), fôssemos intimadas a respeito das inovações que cotidianamente eram ordenadas por decretos públicos para reforma das monjas, pedia que fôssemos as primeiras a segui-las, de modo a dar o exemplo para as outras” (c.101). “Ela (a Condessa Torelli), com o consenso das Madres, desde o princípio, ordenou, por escrito, determinados capítulos e regras a todo tipo de ofícios e oficiais do Mosteiro, começando da Priora até a última das galinhas...; e foram tidas como tão úteis e bem instituídas que foram escolhidas pelos primeiros ministros do Ilustríssimo Arcebispo de Milão, o Cardeal [Carlos] Borromeo, no começo de sua residência – Mons. Vigário Geral Hormanetto e Padre Alberto Lino, colaborador – para organizarem o Concílio Provincial para examinar a causa das monjas, como eles mesmos diziam e vocês sabem (c.57). “Sendo o Cardeal o Pastor comum dos Vigários e das Monjas, não só aprovou as Ordens que se tinham sobre a clausura e outros costumes, mas também selecionou muitas partes para introduzi-las nos decretos que, nos Concílios Provinciais, diziam respeito às causas dos Religiosos, como vocês todas vêem” (c.99).

⁽²⁷⁾ O Mosteiro de Santa Inês não foi o único a ser reformado pelas Angélicas, por vontade de São Carlos. Afirma-o claramente a Angélica Paola Antonia Sfrondrati sen.: “Por ocasião de reformas de mosteiros, [São Carlos] se satisfez em deixar essas obras a cargo destas Madres, levando-as em diversas ocasiões a cinco mosteiros, três na cidade e dois fora, todos na diocese. Embora isso custasse muito à Congregação, que suplicava para transferir o cálice para não bebê-lo, ele, tomado pelo prazer de ser útil ao próximo e do ardente desejo de reformar o que era disforme e conquistar as almas perdidas,

expunha com tanta galhardia esta sua vontade, que foi preciso consentir com tudo e, com toda a resignação, expô-las a muitos perigos e esforços, tendo nisso perseverado cinco delas, à época (1585). Historia cit., c.102.

⁽²⁸⁾ Um pouco mais sucintamente, assim falam as irmãs Sfondrati na Vida da Angélica Ágata: “São Carlos, de repente, quis levar a Maadre Paola Antonia do Mosteiro, para usá-la na reforma do mosteiro de Santa Inês, que tinha grande necessidade de tal reforma, sendo que para empreendimento tão difícil era preciso um braço muito valoroso e um espírito como os desta grande Madre. Esta partida foi sentida intensamente por todas... Decorridos cerca de dois ou três anos, Madre Paola Antonia, deixando as coisas em Santa Inês em bom termo, voltou para o Mosteiro”. SFONDRATI irmãs, Vita cit., cc.8-9.

⁽²⁹⁾ “No ano de 83, quando aquela Sereníssima Senhora tão especial e jovem, a Princesa de Parma, cuidava aqui de sua grande lide, conhecida por todo) o mundo, postas como costumam ser as coisas principais da Sede Apostólica e Majestade Católica nas mãos desse reto em Deus e justíssimo Prelado, após tantos esforços em viagens feitas para conhecer a causa desde Parma a Mantova e Milão, resolveu (pela grande confiança que tinha nesta Casa) recolocá-la aqui, para que, sem influência de interesses de Personagens e Príncipes tão grandes, pudesse ter o claro conhecimento da questão colocada. Não obstante as contradições de seus parentes Príncipes, para os quais era duro que saísse de seus estados, quis levá-la de Parma e colocá-la entre nós, onde morando, sob seus cuidados e tutela, durante cinco meses, pudemos gozar, nesse tempo, de favores muito especiais da bondade do Senhor, a ponto de todos se espantarem e emularem nossos bens”. SFONDRATI P. A. sen., Historia cit., cc.105-6.

⁽³⁰⁾ O caso da Princesa de Parma não foi um caso isolado, como claramente atesta a Angélica Paola Antonia Sfondrati sen.: “Pela grande confiança demonstrada nesta Casa, [São Carlos], por três vezes, dispôs que introduzíssemos no Mosteiro, em ocasiões diversas, duas jovens ricas por terem recebido herança e que as hospedássemos por alguns meses, por problemas matrimoniais muito importantes encaminhados a seu tribunal, a fim de que as disputas amadurecessem e pudessem ser decididas sem temer suspeitas ou obstáculos de quem tivesse interesses nelas. A terceira foi Dona Costanza Colonna, marquesa de Caravaggio, tendo ele [São Carlos] recebido de Sua

Santidade o encargo de declarar sua causa como caso similar. Isto foi no ano de 1569. Visitando-a com frequência, [São Carlos] mostrava-se bastante contente em ver o grande progresso que a juvenzinha fazia nas coisas do espírito”. *Historia cit.*, cc.101-102.

⁽³¹⁾ É a Angélica Perpétua Grassi, que entrou no mosteiro em 1583, logo depois da morte do marido. Nasceu em janeiro de 1565 e morreu em 25 de novembro de 1602. A Angélica Ágata Sfondrati escreveu sobre sua Vida, cujo manuscrito está conservado em A.G.A., MS nº 10.

⁽³²⁾ “Da terna caridade que [São Carlos] demonstrou por nós mais do que a tantos outros mosteiros, nasceu o importante legado que nos deixou, fazendo seu testamento nestes assustadores dias (da peste), passando a esta Congregação, em sua memória, uma de suas mais caras telas, onde está pintado, com muita dignidade, o Monte Calvário e também a memória das mais duras paixões do Senhor, o sepulcro, a Ressurreição e todas aquelas aparições e a Ascensão. Dizem que esse era um de seus quadros favoritos, por isso ficava no oratório mais alto de seu pequeno quarto, onde talvez fossem feitas as súplicas mais eficazes, se ouvissem suspiros, orações, e ele se castigasse e impusesse outras punições a si mesmo. Nós recebemos esse quadro como uma das mais caras heranças que poderíamos desejar”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia cit.*, cc.103-104. Tal quadro foi colocado em uma capela da igreja, que, por isso, foi chamada inicialmente de “capela da Paixão” e posteriormente “de São Carlos”. Na *Vita da Angélica Ágata*, as irmãs Sfondrati escrevem: [No triênio 1608-1611] “com licença dos Superiores, colocamos um retrato de São Carlos na capela da Paixão do Senhor, assim chamada por ali estar o tão precioso quadro deixado por São Carlos para o Mosteiro. No quadro está pintado tudo aquilo que o Senhor padeceu no monte Calvário, a sepultura e o restante até a vinda do Espírito Santo. Dizem que São Carlos o tinha em um quartinho secreto... Agora, nossa Madre cuidou desta capela, colocando tapetes com enfeites de ouro e um altar adornado da melhor forma possível, ali mantendo duas lâmpadas e as velas sempre acesas, enquanto se faz a santíssima Comunhão. Ali fizemos também muitos atos de devoção.” (c.70).

⁽³³⁾ Aqui se fala das primeiras Constituições, cujo original se conserva em A.G.B., marcado como L.c. 5 bis. As irmãs Sfondrati falam delas na *Vita da Angélica Ágata* (cc.23-24): “Este grande Padre era solícito não apenas

em proveito da Madre Angélica Ágata, mas extremamente zeloso do bem de qualquer das Madres em particular e no comum, em toda a Congregação. Movido pelo zelo da honra de Deus, estimulou as Superiores da Casa e algumas das outras, pois as Constituições deste Mosteiro, por comissão de São Carlos, tinham sido escritas há muito tempo pelo Padre Dom Basgapè, mas, devido à morte do mencionado Santo, foram esquecidas, de modo que ninguém se arriscara a promover sua aceitação. Pensávamos, porém, que seria um grande serviço a Nosso Senhor e muito conveniente que esta Casa, tão regular no resto, tivesse suas Ordenações prescritas. Assim, julgava adequado que se a propusesse ao Capítulo Geral, parte por parte, a fim de que a aceitássemos por um período de prova, para proceder com a devida maturidade e prudência nesta questão de tamanha importância. A Madre Priora, Angélica Paola Maria Sfondrata, obsequiosa e pronta para atender a qualquer aceno dos Padres, aderiu com prazer à proposta do Pe. Assinari. É verdade que surgiram dificuldades por parte de muitas das Madres, não por relutância em se acomodar ao parecer do Padre, mas sim por excesso de escrúpulos e temores de consciência, julgando que as coisas da Congregação já estivessem tão bem encaminhadas que não seriam necessárias novas dificuldades, que, aceitas e, por fragilidade, não observadas, agravariam a consciência. Mas, o Padre, inspirado por Deus, prevenindo estas ações com muitas orações e contemplações, se manteve firme... Liam-se todos os dias as Constituições no Capítulo, na presença do Padre, e em seguida eram votadas parte por parte. E aquelas Madres inicialmente presas aos costumes antigos, com esforço, podiam se adaptar a determinadas coisas novas, mas muito úteis para o bem da Congregação... Com a graça do Senhor, chegamos ao fim, tendo êxito em quase todos os capítulos conforme a piedosa mente do zeloso pastor. Nada mais restava a não ser a subscrição nominal de cada uma das Madres”.

⁽³⁴⁾ “Então não havia tanta facilidade de receber a Comunhão, como nós dispomos hoje de tantas possibilidades e de tantas oportunidades de nos de confessarmos... O Padre fazia chegar à Mestra que, se alguma de suas noviças não tivesse defeitos que a manchassem, ficaria contente que fizesse a Santíssima Comunhão. Esta era uma novidade que trazia muito júbilo para a Angélica Ágata. E se tivesse algum pequeno defeito, logo ia dizê-lo à Mestra. E, em meio ao Capítulo, como ela mesma dizia, manifestaria todos os seus defeitos para não perder, nem uma vez, a Comunhão. E pregava às suas

companheiras noviças, quando em semelhante ocasião, lhes era concedida a Santa Comunhão, e tinham medo de fazê-lo: ‘Por graça, irmãs, não percam a Santíssima Comunhão; se tiverem alguma coisa, digam à Madre Mestra; perder uma só vez a Santa Comunhão, sendo-lhes concedida, é perder um bem e um tesouro muito grande!’: palavras ditas por ela não apenas no Noviciado, mas por nós ouvidas tantas vezes de sua própria boca”. SFONDRATI irmãs, Vita cit., c.15.

(35) Quando a Angélica Ágata Sfondrati foi mestra das noviças, no triênio 1614-1617, “recordou a elas que o bom Padre Asinari, que introduziu a Santíssima Comunhão todos os dias, costumava dizer às noviças: ‘Filhinhas, vocês são Angélicas de nome; se alimentam do pão angélico; convém que suas vidas e ações sejam angélicas’”. SFONDRATI irmãs, Vita cit., c.94-95.

(36) Assim a Angélica Paola Antonia Sfondrati sen. fala da devoção eucarística das primeiras Angélicas: “A frequência aos Santíssimos Sacramentos foi o principal prazer desta família. Desde o princípio, o Senhor doou peculiar graça, fome e sede cada vez mais intensas do sagrado Pão da vida, com muita edificação por parte de quem o via e tomava para a própria utilidade. Algumas estavam especialmente dotadas de muita devoção, podendo se contar frutos extraordinários, que víamos na prática em nós mesmas. Saíamos da mesa eucarística, como disse Crisóstomo, *como leões cuspiendo fogo*, recebendo força para vencermos a nós mesmas e a todas as contradições diabólicas, dando passos corajosos na mortificação e na tolerância às mais duras provações... Uma, que tinha um dom especial de devoção para todas as coisas divinas, tinha dificuldade para se separar deste aconchego celeste. Tantas eram a ternura e a reverência para com o Santíssimo Sacramento que, muitas vezes, ouvi dela esta afirmação tão devota: enquanto todas as outras iam dormir no horário costumeiro, ela voltava atrás várias vezes, dizendo não conseguir se aquietar, ao deixar o Santíssimo a noite inteira sozinho, sem companhia, só com aquela pouca luz da lâmpada; e, acordando, sempre sentia esta dor. Esta sagrada ação era precedida, por todas, com muita preparação interior. Aliás, esse costume durou por muitos anos (como algumas sabem): prestávamos contas às Madres Superiores do ganho que sentíamos ter a partir da santa Comunhão”. Historia cit., cc.92-94.

(37) A mesma narrativa se encontra na Vita da Angélica Ágata Sfondrati (c.26): “Certa vez, na semana do carnaval, tendo o Padre entrado em

Casa no domingo para ministrar a Santíssima Comunhão a algumas enfermas, esta nossa mui veneranda Madre Angélica Ágata, tendo muito desejo de se banquetear e de se enriquecer abundantemente em todos os dias daquela semana, com o consentimento da Madre Priora, convidou quatro de suas jovens companheiras, também desejosas da mesma graça, apresentou-se a ele com as companheiras e, ajoelhadas com grossas cordas no pescoço, pediram-lhe humildemente, ter a graça que toda a Congregação recebesse a Santíssima. Comunhão em todos os dias daquela semana. O Padre respondeu que aquela era uma semana de recreação e não de Comunhão, e que as Madres deveriam desfrutar de um pouco de descanso. Elas, porém, insistiram em pedir-lhe a graça, assegurando-lhe que colocavam todas as recreações e prazeres em Deus. O Padre, enfim, voltou-se para a Madre Angélica Ágata e mandou que se dirigisse a cada uma das Madres, com uma lista na mão, pedindo que aquelas, que desejassem fazer a Santíssima Comunhão durante toda aquela semana, subscrevessem a lista. Encarregou outra Madre mais experiente de também sair com uma lista na mão, exortando-lhes a recrearem-se naquela semana, pois isso era lícito e que, se não desejassem comungar, subscrevessem livremente aquela lista. Mas, a lista da Madre Angélica Ágata ficou tão cheia que a frequência à Santíssima Comunhão durante toda aquela semana foi muito numerosa, e ela e as companheiras praticaram exercícios muito devotos e santos”.

38 As irmãs Sfondrati falam disso mais pormenorizadamente na Vita da Angélica Ágata (cc.27-28): “Desde o princípio do Mosteiro usava-se a música na igreja para honrar a Deus da melhor forma possível. Desejando, porém, melhorar essa parte, como se fizera no resto, as Madres Superiores, juntamente com nossa Madre, por causa do grande interesse que tinha pela música, trataram com o Padre Boaventura que, se fosse para maior honra de Deus e de nossa igreja, que se introduzisse o órgão e o realejo, pois às vezes a música, por falta das vozes, tornava-se imperfeita, o que seria suprido pelos instrumentos. Disseram ainda que não seria nenhum incômodo para a Casa, porque, se eventualmente as que conheciam música não pudessem vir cantar em alguma Missa por estarem ocupadas em suas funções, isto seria suprido pelo som do órgão. Após discussões longas e maduras, resolveram comunicar-se com os Padres diretores de São Barnabé, estando ausente o Padre Geral, a quem no entanto escreveram, mas nunca obtiveram resposta. O que

ta. Os Padres entenderam que seria bom tender ao pedido das Madres e se dirigiram posteriormente ao Reverendíssimo Monsenhor Arcebispo, Gaspar Visconte, pedindo-lhe, de fato, a devida licença. Gentilmente, ele lhes deu o consentimento. A execução do pedido se tornou mais fácil por causa de uma oportunidade que então se apresentou: uma jovem, excelente organista e grandeconhecedora de música, desejada e procurada por outros mosteiros, mas reservada pela Divina Providência para esta Casa. Chamava-se senhora Isabella Quadri, que é a mesma Angélica Helena, que ainda está viva. Esta filhinha foi aceita e, quanto antes, começou a tocar na igreja o realejo e o pequeno órgão doado ao Mosteiro pelos irmãos de nossa veneranda Madre, enquanto se fazia o órgão grande. Cantando em dois coros, fazia-se necessário tocar dois instrumentos. Não havendo quem o soubesse além da Angélica Helena, as Madres Superiores julgaram que não haveria ninguém mais hábil para aprender do que a Madre Angélica Ágata. Mandaram que se aplicasse nesse aprendizado e que a Angélica Helena lhe ensinasse. Obedeceu com grande prontidão e, em pouco tempo, fez tanto progresso que poderia tocar em um concerto com segurança. Sendo assim, ela continuou tocando na igreja durante muitos anos, mesmo quando era Priora; só deixou de o fazer quando Nosso Senhor se dignou prová-la com um grande mal nas vistass”. A resistência do Pe. Bascapè foi motivada pelo fato de que as Constituições dos Barnabitas proibiam a música na igreja (II, 5°).

39 É o Cardeal Niccolò Sfondrati, irmão das quatro Angélicas Paola Antonia senior, Antônia Maria, Paola Francisca e Paola Maria, bem como tio da Angélica Ágata (A.G.A., MS. N° 17, ff.1-3). Foi eleito papa, com o nome de Gregório XIV, em 5 de dezembro de 1590. Morreu em 16 de outubro de 1591, com 57 anos (cf. EUBEL Corradus, Hierarchia Catholica, III, Monaco 1923, pp.47 e 181). Fora educado pelos Barnabitas, aos quais fora confiado em 1538, após a morte da mãe (cfr. UNGARELLI Luigi, Bibliotheca Scriptorum e Congregatione Clerr. Regg. S. Pauli, Roma 1836, p.556, nota 1). A A Angélica Paola Francisca morreu antes de 1583 (A.G.A., MS. N° 14/5, cc.14-15v).

(40) É o Cardeal Paolo Camilo Sfondrati, irmão da Angélica Ágata, eleito cardeal em 19 de dezembro de 1590, com o título de Santa Cecília assumido em 14 de janeiro de 1591. Foi bispo de Cremona de 13 de setembro de 1607 até sua morte (14 de fevereiro de 1618). EUBEL, Hierarchia cit., III,

pp.54 e 181.

(41) PREMOLI Orazio, Storia dei Barnabiti nel Cinquecento, Roma 1913, pp.363-365.

(42) “Na mesma época (1599), nossos Padres de São Barnabé elegeram Padre Geral o Pe. Boaventura Assinari, confessor do Mosteiro, sendo assim, foi conveniente que ele deixasse a esta missão. Após nove meses, viajando para Roma, o Pe. Geral foi tomado por uma febre aguda e maligna no meio do caminho. Internado em Bolonha, em estado gravíssimo, partiu dessa vida no dia de São José, não tendo ainda idade avançada e dono de uma natureza vigorosa, mas muito machucado pelas ásperas penitências. Jejuava todos os dias, ficando sem comer até a noite, o que lhe permitia estar cinco horas na igreja, após ter celebrado. Na festa da Anunciação, tivemos notícia de sua morte, que foi sentida com extrema dor”, Irmãs SFONDRATI, Vita cit., cc.41-42.

(43) “No começo do ano seguinte (603), em 7 de janeiro, a Madre Priora (Paola M. Sfondrati) foi acometida de uma febre aguda e maligna[om dores lombares que a levaram à morte no dia 11 do mesmo mês... No mesmo dia em que esta Madre foi para o céu, Madre Paol’ Antonia foi tomada por um fortíssimo ataque de febre e pouco depois lhe apareceram as dores lombares; ... mas no quarto dia chegou ao extremo”. Irmãs SFRONDRATI, Vita cit., cc.42-43.

(44) É o Pe. Giuseppe M. Battaglia, muito estimado por São Carlos. Sobre ele: LEVATI Luigi, Menologio dei Barnabiti, II, Genova 1933, pp.51-53. Foram quinze as Angélicas mortas em 1603. Não sabemos quem foram as treze do mês de janeiro, à exceção das duas Sfondrati. De todo modo, são estes os seus nomes: Paola Antonia Sfondrati, Petronilla Gazzoni, Agnese Baldironi (a que, no Capítulo de 1536, propôs o nome de “Angélicas”), Gerolama Costanza Avogadro, Antonia M. Sfondrati, Antonia Serafina da Sesto, Rachele Chiocca, Paola Agnese Cavazza, Anna M. Casati (filha do famoso Gabrio Casati, presidente do Senado de Milão, que defendeu eficazmente Barnabitas e Angélicas no processo de 1534: A.G.A., MS. N° 14/5, f.20), Paola M. Sfondrati, Paola M. Gazzoni, Caterina Bagolini, Agostina Alessi, Marta Crivelli e Plautilla Rossi (A.G.A., MS. N° 15/5, f.16v).

(45) São as Angélicas Paola Girolama Settala, Paola Agostina Astolfi e Lucia Magni (A.G.A., Lista das Angélicas do ano de 1624). Até a publicação

do Concílio de Trento, as Angélicas não tinham dote, como claramente escreve a Angélica Paolo Antonia Sfondrati sen.: [Após o Concílio de Trento] “muitas coisas importantes se alteraram, como... aceitar filhinas na Congregação, as quais, daí em diante, deveriam trazer dote e licenças, devido aos decretos de diversos Sumos Pontífices, a respeito do que sempre fugimos, para não nos tornarmos proprietárias. Aliás, até então, quase todas [exceto] pouquíssimas, todas as outras tinham vindo sem um mínimo de coisas”. *Historia cit.*, c.99.

⁽⁴⁶⁾ A.G.A, ms. n° 14/5, f.16.

⁽⁴⁷⁾ Disso se tem notícia na *Vita cit.* da Angélica Ágata Sfondrati: “Naqueles tempos os Monsenhores do Arcebispado, por ordem do senhor Cardeal [Federigo] Borromeu, mandaram um Monsenhor secular como confessor extraordinário. Madre Ágata obtivera, como graça, por meio do senhor Cardeal seu irmão, que não viessem enquanto fosse residente o arcebispo Mons. Gaspar Visconte. Mas, quando o irmão da Madre Ágata morreu, a graça se foi. Este acidente provocou muito incômodo na Casa” (c.45). No c.33 do mesmo MS., lembra-se de novo o privilégio concedido pelo Card. Visconti: “A Angélica Ágata, a serviço de nossa Congregação, enquanto o Mons. Gaspar Visconte era arcebispo de Milão, conseguiu que não fosse mandado ao Mosteiro, como confessor extraordinário, ninguém que não fizesse parte de nossos Padres de São Barnabé, porque, às vezes, acontecia de virem sacerdotes seculares em ocasiões extraordinárias e se desejava evitar que viessem, para o bem e a tranquilidade da Casa”. Mesmo no tempo de São Carlos, os confessores das Angélicas sempre foram barnabitas: “Embora em todos os outros mosteiros os confessores mudassem continuamente, [os Monsenhores Ormaneto e Castelli] não só confirmaram como fizeram continuar os mesmos Padres e Clérigos de São Barnabé, por eles honrados e aprovados. Aliás, tinham com eles muitas conversas, or causa da edificação que recebiam da vivência e costumes dos religiosos”. SFONDRATI P. A. sen., *Historia cit.*, cc.99-100.

⁽⁴⁸⁾ Foi em 12 de maio de 1605; os outros três priorados foram nos anos 1611-14; 1617-21; 1627-30. Irmãs SFRONDRATI, *Vita cit.*, cc.48, 71, 108, 142.

⁽⁴⁹⁾ A devoção a Nossa Senhora do Loreto foi inculcada na Angélica Ágata Sfondrati por seu irmão Cardeal, durante o primeiro priorado (1605-08). Ir-

mãs SFRONDRATI, Vita cit., c.56. A ideia da capela veio à Angélica Ágata em maio de 1608: “Consultou suas Madres Discretas e ficou resolvido fazer um Capítulo Geral, que teve feliz conclusão... E se fez também uma procissão solene, com música, até o santo quartinho onde se fizera acomodar um altar postiço. Ali se uniram, com grande afeto e cordialidade, a Madre Priora e todas as Madres que, prostradas aos pés da grande Mãe de Deus, lhe ofereceram e dedicaram aquele lugar para sua honra e a seu perpétuo serviço” (Ivi, c.62). “Ela dispôs as coisas o quanto antes foi possível, para acomodar a mencionada santa capelinha... Fez com que fosse pintada conforme o modelo daquela de Loreto, fazendo-se o nicho, o altar à semelhança daquela, assim como todas as outras coisas que dizem estar na Santa Casa. Ela mesma, com suas próprias mãos, junto com suas noviças, quis pintar o teto do quartinho, o que foi, para ela, um enorme esforço, naquele calor excessivo do verão. Víamos escorrer daquela nobre face riachos de suor. Para que fosse mais cômodo chegar à santa capela, fez construir três escadas: uma do corredor, outro do jardim e a terceira da parte de baixo do pátio das especiarias. Mandou fazer ainda uma sacristia com um armário para guardar os ornamentos a serviço da Santa Mãe e outro lugarzinho para os sinos. O átrio externo que dá para a igreja em frente à santa capela foi todo enfeitado com quadros e painéis da vida da Santíssima Mãe, muitos dos quais pintados por ela mesma... Mandou fazer a estátua em relevo da Santíssima Virgem com o Filho nos braços, à semelhança daquela de Loreto, a qual foi levada à santa Casa com uma procissão muito solene, cantos, músicas, velas acesas e outras belas devoções, aos 7 de outubro, dia de Santa. Maria da Vitória, do ano de 1608” (Ivi, cc.64-65).

⁽⁵⁰⁾ Tal capela (CF. Nota 32) foi decorada a expensas do Cardeal Sfondrati durante o segundo priorado da Angélica Ágata (1611-14). A decisão foi tomada no mesmo capítulo em que São Carlos foi eleito patrono da Congregação junto com São Paulo (SFONDRATI Irmãs, Vita cit., c.83). “Pôs-se o quanto antes a organizar a mencionada capela de São Carlos, buscando um engenheiro perito para projetá-la, o que significava concretizar o projeto já feito em sua mente. Na parte de cima, mandou, com muita gentileza, pintar as realizações de São Carlos com motivos muito bonitos, por conta de sua nobreza, dignidade e virtudes. Do meio para baixo, fez acomodar o quadro da Paixão do Senhor, que despertava muita devoção e que fora doado à Congregação pelo próprio São Carlos, ornando ainda tal parte com outros belos qua-

dros da Paixão. Embaixo da capela mandou fazer um pequeno quarto secreto, destinado às orações de forma retirada. O acesso se faz por uma pequena escada com a qual se sobe ao altar de São Carlos, que está em um lugar muito importante. Neste altar, mandou fazer como dossel o próprio São Carlos morto, do mesmo modo que ele está na sepultura, mandando pintar um belo nicho grande de São Carlos em pé, rezando pela Congregação e, através de dois Anjos, entregando as Constituições a duas monjas com nosso hábito ali pintadas, com esta inscrição: *Memento Congregationis tuae quam possedisti ab initio*. O nicho tem uma grande moldura dourada muito bela” ((Ivi, c.84).

(51) “Naqueles tempos (1589), nossos Padres obtiveram a posse da paróquia de Santo Alessandro, a eles gentilmente concedida por Mons. Gaspar Visconti, Arcebispo. Ali devendo implantar um novo colégio, precisavam muitas coisas. O Padre Boaventura deixou de cuidar de nós, os Padres o elegeram Preposto de Santo Alessandro (1591). Nossa Madre, com parecer da Madre Priora, ajudava-os com as generosas subvenções e esmolas que recebia do senhor Cardeal de Santa Cecilia, seu irmão, ajudando especialmente a igreja e fazendo muitas coisas belas com suas próprias mãos, sempre às expensas do irmão”. Irmãs SFONDRATI, *Vita cit.*, c.36.

(52) Na *Vita da Angélica Ágata Sfondrati* são apontadas, de quando em quando, as doações de objetos sacros feitas por ela à igreja do mosteiro durante seus quatro priorados (cc.58, 88, 119-20, 153). Tal costume remontava às origens da Congregação, tendo sido iniciado pela Condessa Torelli e por Giulia Sfondrati (Ivi, c.53-54).

(53) “Aos nossos Padres, pelo pouco de reconhecimento que se lhes dá no Natal, como sinal de gratidão por seus muitos esforços e pela assistência com que atendem à Congregação, ela começou a mandar coisas que trouxessem um pouco de esplendor: nos primeiros anos, dois pares de vasos de prata para flores, para uma e outra congregação (comunidades) e um missal encadernado em prata para a Missa. Em outros triênios em que ocupou a função de Superiora, certa vez mandou fazer para eles a tábua dos segredos em prata e ébano, belos cordões de seda e ouro, pluvial com alamar de ouro, paramento também em ouro”. SFRONDRATI Irmãs, *Vita cit.*, c.59.

(54) Foi em 9 de fevereiro de 1623. A.G.A., MS. N° 14/5. F.10v.

(55) Mais amplamente as irmãs Sfondrati na *Vita da Angélica Ágata* (cc.130-132): “Chegando a eleição da nova Superiora, nossa Madre não con-

seguiu a nomeação, como o conseguira em todas as outras vezes. Tampouco o conseguiu no segundo turno da votação. Neste segundo turno, disputou com ela a outra Madre concorrente nos votos, tampouco esta obtendo suficientes votos favoráveis. Votaram uma segunda e uma terceira vez e nossa Madre não conseguiu os votos suficientes... O Capítulo foi suspenso por uma hora até o final do almoço, conforme julgara por bem o Monsenhor Vigário... Logo depois do almoço, nossa Madre se retirou para a igreja em oração, naquele quartinho sob a capela de São Carlos. Foi procurada por muitas e daquela boca bendita saíram as palavras mais santas: ‘Por graça, minhas Madres, estejamos um pouco quietas; entreguemos a Deus; resignemo-nos à sua santa vontade’... Após o almoço, veio o Monsenhor Vigário. Estando a questão suspensa e muito intrincada, não havendo votos suficientes nem para nossa Madre, nem para a outra concorrente, ele disse que, segundo as Ordenações, poderia, por sua própria autoridade, eleger a Priora, mas que se contentava que se fizesse um Capítulo para aceitar como Priora aquela que tivesse tido mais votos, sem que, no entanto, quisesse dizer quem fosse, nem o número de votos. Algumas Madres procuraram saber o nome daquela que teria mais votos, para não andarem às tontas em questão de tamanha importância, mas ele não julgou por bem dizê-lo. Para não causar maior confusão, concordaram em dar seus votos às cegas. E venceu, como ele disse, a outra Madre”. Fala-se disso também na vida impressa da Angélica Visconti: “Após muitíssimos Capítulos, não se chegando, em nenhum, aos votos suficientes, foi finalmente declarada como Madre, pelo Vigário, a que então obtivera mais votos do que as outras indicadas”. GONZAGA Angélica Luigia Marianna, Vita della Ven. Madre Ang. Giovanna Visconti Borromeo, Roma 1673, p.274.

⁽⁵⁶⁾ A razão de tal repugnância é explicada pelas irmãs Sfondrati na Vita da Angélica Ágata (cc.138-40) “Naquele tempo (1624-25), ocorreu também uma ação de grande relevância, isto é, a necessidade de colocar em prática as Constituições. A nova Priora (Giovanna Visconti) era muito fervorosa em relação a isso, e negociou tanto que chegamos à execução e ao fechamento da questão. Embora nossa Madre (Ang. Ágata) não fosse Discreta, nem tivesse, à época, qualquer função superior, concluímos que (como tinha muita prática, tendo as Constituições passado por suas mãos, quando foram feitas) deveria entrar no Conselho e nas consultas secretas, que as Discretas faziam, com esta finalidade, junto com os Padres e Superiores do Arcebispado. É

verdade que, - com sua prudência – ela ia ao essencial de muitas coisas não percebidas por outros e até as previa –, não parecia que fosse o tempo oportuno nem por parte de Roma, nem do Arcebispado, para acomodar bem as coisas da Congregação. Apesar disso, deixou que tudo fosse feito por quem o devia fazer por direito. Pesava-lhe muito que se pusessem novamente a razer à baila e a censurar as primeiras Constituições, feitas com tanta ponderação e com tanto amadurecimento de ideias. Não via com bons olhos as restrições aos avanços anteriores, nem a multiplicação de prescrições. Disse com muita consistência: ‘Pela experiência que tenho, após tantos anos de governo, sei o quanto me esforcei e cuidei para manter sólida a observância das primeiras Constituições, as quais me parece conterem e abraçarem todos os aspectos da perfeição religiosa. Observando-as pontualmente, poderemos alcançar a finalidade de nossa vocação. Temo muito que a pretensão de multiplicar ordens e de impor maiores restrições acarrete prejuízos à observância das primeiras e das segundas (Constituições), porque o excesso de restrições, às vezes, causa maiores rupturas’. ela era muito criteriosa e experiente em muita não aprovava que se tocasse em determinadas matérias delicadas, em especial por parte dos Padres. Dizia: ‘Esta é um bem e uma graça tão grande que é preciso custodiá-la com muita cautela e muita reserva, sendo necessário divulgá-la amplamente’. Assim sentiam também os Padres e as Madres mais antigas. Na ocasião, seus sentimentos não foram levados em conta, mas a experiência fez com que aparecesse na prática o que ela dissera tão bem, mas embora quisesse promover algumas coisas nesse particular, o todo das decisões foi mantido, trazendo muito desgosto e insatisfação para a Congregação e para os próprios Padres”. – As Constituições das Angélicas foram impressas em Milão em 1626, precedidas por uma carta do Cardeal Frederigo Borromeo datada de 2 de dezembro de 1625 e do Breve de Urbano VIII, que chegou ao Mosteiro em 8 de dezembro de 1625.

⁽⁵⁷⁾ Não se pôde encontrar nenhum sinal desta epidemia de 1625. No entanto, é certo (SFRONDRATI Irmãs, Vita cit., c.178) que o médico das Angélicas era o famoso protofísico Settala, de manzoniana memória, tendo ele duas parentes com seu mesmo sobrenome entre as Angélicas: Angélica Paola Gerolama e Angélica Maria Guiseppa (A.G.A., Lista das Angélicas no ano de 1624).



**Fachada da igreja de São Paulo Convertido em Milão
Ver traços históricos na página seguinte**

Traços históricos da igreja de São Paulo Convertido

A igreja de São Paulo Convertido nasceu como igreja anexa do convento da Congregação das Angélicas de São Paulo. A primeira pedra da construção foi colocada em 1549 e sua construção se prolongou até 1580. Entre 1599 e 1611 foi refeito o lado esquerdo, com projeto de Ercole Turatti; este lado dá para a Praça de Santa Eufêmia. A fachada atual é de 1619 e é obra de Giovan Battista Crespi conhecido como Cerano. O altar mor é de 1767, e é obra de Giulio Gallori e Ambrogio Pedetti.

Em 1808, logo após a supressão dos conventos ordenada por Napoleão Bonaparte, aconteceu a desocupação do Mosteiro e a igreja perdeu sua consagração e foi adaptada para ser uma loja. Em 1932 foi feita uma restauração sob a orientação do arquiteto Mezzanotte a fim de conservar a construção e todos os afrescos do salão principal, que a partir daquele momento foi destinado a ser sala para concertos de música sacra.

Desde os primeiros anos da década de 1960, por ter ótima acústica, a sala foi adaptada pela etiqueta discografica La voce del padrone, para ser um espaço destinado totalmente à gravação de discos.

Mais adiante, a saça foi cedida aos fundadores de um novo partido político italiano, o PDU. Um novo estúdio de gravação, conhecido como “La Basilica”, começou a funcionar dentro da igreja em 1970 e permaneceu ali até 1982.

De 2014 até hoje, é a sede do estúdio CLS Arquitetos, fundado por um grupo de arquitetos milaneses. Quando acontecem exposições e eventos ligados ao mundo da arte e do design, suas instalações ficam abertas ao público em geral.

FONTE; Wilkpedia Itália

**Padres e Irmãos Barnabitas
2018**